

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Tatiane da Silva Monteiro

A EXPERIÊNCIA E O SIGNIFICADO DO PROCESSO DE
ADOÇÃO SOB A ÓTICA DA FAMÍLIA ADOTIVA

TAUBATÉ – SP
2020

Tatiane da Silva Monteiro

**A EXPERIÊNCIA E O SIGNIFICADO DO PROCESSO DE
ADOÇÃO SOB A ÓTICA DA FAMÍLIA ADOTIVA**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté como requisito parcial para a conclusão do Curso de Psicologia orientada pela Prof.^a Dra. Adriana Leônidas de Oliveira.

TAUBATÉ – SP

2020

Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU

M775e Monteiro, Tatiane da Silva

A experiência e o significado do processo de adoção sob a ótica da família adotiva / Tatiane da Silva Monteiro. -- 2020.

75 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de Psicologia, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira, Departamento de Psicologia

1. Adoção. 2. Família. 3. Vínculo afetivo. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Psicologia. Curso de Psicologia. II. Título.

CDD – 158.24

TATIANE DA SILVA MONTEIRO

**A EXPERIÊNCIA E O SIGNIFICADO DO PROCESSO DE ADOÇÃO SOB A
ÓTICA DA FAMÍLIA ADOTIVA**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté como requisito parcial para a conclusão do Curso de Psicologia orientada pela Prof.^a Dra. Adriana Leônidas de Oliveira.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Adriana Leônidas de Oliveira

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof.^a Dra. Débora Inácia Ribeiro

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, não poderia começar os agradecimentos sem citar a minha fé, a qual me conduz. Agradeço então, a Jesus por ter me dado o privilégio de chegar até aqui e de me sustentar nesse último ano com a Sua Graça. Por meio dEle, eu compreendo que tudo quanto fizermos, temos que fazer com excelência e entrega sincera, por isso, me dediquei ao máximo nesta pesquisa. Jesus me ensina sobre o cuidado, respeito e a empatia e isso só se fortaleceu durante esses 4 anos de Psicologia.

Em seguida, quero agradecer família que me incentivou e acreditou em mim e aos colegas de sala por compartilharem comigo dessa trajetória, aos dias compartilhados durante todo o percurso e por me permitem ser exatamente quem eu sou com cada um deles. A todos os profissionais que cruzaram meu caminho, desde o motorista do ônibus até meus queridos professores.

Como seres sociáveis, estabelecemos relações valiosas uns com os outros, diante disso, tem uma série de pessoas que foram cruciais nesse percurso. Cito mais uma vez, a minha família, que mesmo as vezes sem entender as horas de estudos e com as dificuldades, me incentivaram durante esse processo. Mãe, obrigada por tudo, você foi de grande importância nesses últimos 4 anos. Preciso agradecer ao privilégio de poder fazer uma graduação e a oportunidade de estar numa posição que muitos não conseguem ou podem. Agradeço quatro amigas da vida, que não poderia deixar de citar, Bruna, Maria Eduarda, Letícia e Francine por me tirarem sorrisos no meio de tantas aflições que a vida acadêmica nos traz. De forma especial, quero agradecer minha eterna dupla, Maria Fernanda, por toda troca e reciprocidade conquistadas nesse trajeto. Sendo um espelho para mim, me permitindo ser uma aluna cada vez melhor e dedicada. As minhas demais amigas, também deixo registrado todo meu afeto e amor, que mesmo com as diferenças, permaneceram ao meu lado.

Minha gratidão a minha orientadora Adriana Leônidas de Oliveira por todo o respaldo, auxílio e conhecimento para a composição desta pesquisa, a qual possui grande significado para mim. Agradeço também a professora Débora Inácio Ribeiro, a qual tenho imenso carinho e admiração, por ter aceitado o convite de participar da defesa da banca.

Aproveito para deixar meus sinceros agradecimentos aos grandes mestres que me ensinaram durante a graduação. Pois, foi através desses ensinamentos, das supervisões, dos encontros nos corredores da faculdade e da singularidade de cada professor, que eu pude ainda mais ter certeza da minha decisão de me tornar psicóloga.

Também dou crédito a mim mesma, por ter concluído essa etapa da minha vida, sempre dando o melhor de mim. Tentei ao máximo, deixar a vida acadêmica mais leve para mim e para meus colegas. Sou grata a todos que trilharam esse caminho ao meu lado.

A você, que ficou interessado pelo tema e busca adquirir algum conhecimento através desta pesquisa, me sinto honrada e espero contribuir de alguma forma na sua vida. As famílias desta pesquisa que se disponibilizaram e por confiarem no meu trabalho. Muito obrigada!

“Adotar é acreditar que a história é mais forte que a hereditariedade, que o amor é mais forte que o destino.”

Lídia Weber

RESUMO

A adoção dá à criança a oportunidade de fazer parte integrante da vida de uma família, possibilitando, como um ato jurídico, por meio de um processo legal, respeitando as condições jurídicas necessárias, a escolha voluntária de ter para si como filho, quem não lhe é de origem. Atualmente, a adoção vem ganhando espaço como recurso para muitas famílias que anseiam pela chegada de um filho. O processo de adoção se torna definitivo quando se entende que a família tem condições de garantir que as vantagens da criança sejam supridas e que o ambiente familiar é um lugar saudável para mesma. É de extrema importância que a família esteja preparada para receber o adotando no seio familiar. Tendo em vista que, tanto a criança quanto a família têm uma bagagem de sentimentos e vivências, entende-se que todo esse processo é delicado, marcado por frustrações e expectativas. Sendo assim, é preciso conscientizar essa família sobre essa decisão antes deste estabelecimento de vínculo entre ambos. Diante disso, é essencial saber como essa família se prepara e de que forma o ambiente familiar recebe essa criança. O presente trabalho teve como objetivo compreender as experiências e qual o significado do processo de adoção na perspectiva da família. Dessa forma, foi realizado um estudo de caso de abordagem qualitativa no GAAGCT, um grupo de apoio à adoção, na cidade de Taubaté com três famílias que já tiveram experiências e passaram pelo processo de adoção. Para coleta de dados utilizou-se como instrumento uma entrevista semiestruturada com um dos pais ou ambos. Resultados revelam que a motivação para adotar das famílias é norteada pelo sentimento de amor e o desejo da adoção por si só. O apoio psicológico é de extrema importância, pois o profissional coopera com as famílias diante das mudanças da dinâmica familiar, sendo que, ao adotar as famílias passam por transformações e necessitam de um auxílio para enfrentar essa nova fase. Diante disso, o grupo de apoio configura-se como um grande aliado para as famílias, permitindo maior conscientização e troca de experiências entre os candidatos. Espera-se que o conhecimento construído contribua para as famílias que optam pela adoção, compreendendo as dificuldades e os fatores que auxiliam a filiação, além de reforçar o quanto o profissional da área de psicologia é essencial nesse momento.

Palavras-chaves: Adoção. Família. Vínculo afetivo.

ABSTRACT

Adoption gives the child the opportunity to be an integral part of a family's life, making it possible, as a legal act, through a legal process, respecting the necessary legal conditions, the voluntary choice of having for themselves as a child, who does not is of origin. Currently, adoption has been gaining ground as a resource for many families who yearn for the arrival of a child. The adoption process becomes final when it is understood that the family can ensure that the child's benefits are met and that the family environment is a healthy place for them. It is extremely important that the family is prepared to receive the adoptee within the family. Bearing in mind that both the child and the family have a lot of feelings and experiences, it is understood that this whole process is delicate, marked by frustrations and expectations. Therefore, it is necessary to make this family aware of this decision before this bond is established. Therefore, it is essential to know how this family prepares itself and how the family environment receives this child. The present work aimed to understand the experiences and what is the meaning of the adoption process from the family's perspective. Thus, a case study with a qualitative approach was carried out at GAAGCT, an adoption support group, in the city of Taubaté with at least 4 families who have had experiences and went through the adoption process. For data collection, a semi-structured interview with one or both parents were used as an instrument. Results reveal that the motivation to adopt from families is guided by the feeling of love and the desire for adoption alone. Regarding feelings, the whole process is marked by them, as they are intertwined. Psychological support is extremely important, the professional cooperates with families in the face of changes in family dynamics, and when adopting families, they undergo transformations and need help to face this new phase. In view of this, the support group is a great ally for families, allowing greater awareness and exchange of experiences among candidates. It is hoped that this reflection will contribute to families that choose to adopt, understanding the difficulties and factors that help the affiliation. In addition to reinforcing how essential the psychology professional is at this moment.

Keywords: Adoption. Family. Affective bond.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos participantes.....	28
Quadro 2 – Elementos da Categoria Motivação para adotar, processo de tomada de decisão e sentimentos mais presentes.....	37
Quadro 3 – Elementos da Categoria Dificuldades e desafios no processo de adoção.....	40
Quadro 4 – Elementos da Categoria Preparação e apoio psicológico durante o processo de adoção.....	43
Quadro 5 – Elementos da Categoria Mudanças na dinâmica familiar.....	46
Quadro 6 – Elementos da Categoria Estabelecimento de vínculo.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	6
1.2 OBJETIVOS	6
1.2.1 OBJETIVO GERAL	6
1.2.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS.....	6
1.2 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	6
1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO	7
1.4 ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA.....	7
2 REVISÃO DE LITERATURA	8
2.1 ADOÇÃO.....	8
2.1.1 O cadastro de adoção no Brasil	13
2.1.2 Processo de habilitação	14
2.2 FAMÍLIA E ADOÇÃO	15
2.2.1 Breve definição de família	15
2.2.2 A família no processo de adoção	17
2.3 ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO	21
3 MÉTODO	25
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	25
3.2 ÁREA DE REALIZAÇÃO	25
3.3 PARTICIPANTES.....	25
3.4 INSTRUMENTOS.....	26
3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	26
3.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS.....	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
4.1 APRESENTAÇÃO DAS FAMÍLIAS E SUAS VIVÊNCIAS	28
4.1.1 A vivência da Família Céu.....	29
4.1.2 A vivência da Família Sol.....	31
4.1.3 A vivência da Família Lua.....	33
4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFÊRENCIAS	56
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	60
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	62
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	64

1 INTRODUÇÃO

A adoção no Brasil é um tema muito debatido atualmente e vem levantando inúmeras discussões no decorrer dos anos, pois mesmo havendo tido mudanças significativas dentro desse processo, há muito o que ser feito para ajustar o sistema (SILVA, 2012).

No dia 25 de maio, que é comemorado o dia nacional da adoção no Brasil, no ano 2020 dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), revelam que existem quase 34 mil crianças e adolescentes abrigadas, desse número, 5,040 estão prontas para adoção. Porém, 83% das crianças tem acima de 10 anos e apenas 2,7% das famílias candidatas aceitam adotar essas crianças (SENADO FEDERAL, 2020).

Adotar gera a possibilidade de tornar filho, de forma legal e definitiva, alguém que foi concebido por outras pessoas. Também é o ato jurídico, com o propósito de criar entre duas pessoas relações jurídicas idênticas que possuem efeitos tão importantes quanto uma filiação de sangue (OST, 2009). Podemos perceber a adoção, como uma das formas de garantir a sobrevivência e o desenvolvimento de crianças, as quais, os genitores não estão presentes ou aptos para exercer o cuidado necessário (SOLON, 2006).

É importante ressaltar a necessidade de um olhar que possa responder as necessidades da criança em obter uma relação afetiva com os novos pais. Compreendendo que essa criança já possui uma história de vida subjetiva e os pais precisam estar dispostos a aceitar uma criança que traz consigo outras vivências além de não ter nascido deles. Sendo assim, para que se haja um vínculo concreto e ingressar nesta nova trajetória de vida, a adoção, é preciso que os envolvidos possam elaborar suficientemente sua história pessoal e familiar e dispor de suficientes recursos psíquicos. (MENDES, 2007).

Dessa forma, nota-se que o ato de adotar e a entrada de um filho no seio familiar demanda uma conscientização e um preparado para a família. Pois, ao adotar gera-se um sentimento de comprometimento com o outro e com isso, essa família se depara com uma responsabilidade e grandes desafios a serem enfrentados. Diante disso, percebe-se a necessidade de compreender como se estabelece a experiência e o significado do processo de adoção sob a ótica da família adotiva.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A adoção pode ser definida como inserção da criança num ambiente familiar, de forma definitiva, com aquisição de vínculo jurídico próprio de afiliação, onde ela ocupa um lugar que não lhe é de origem. A criança pode ser integrada a uma família substitutiva, na impossibilidade de conviver com sua família biológica. A adoção tem como finalidade responder às necessidades, principalmente, das crianças, mas também dos pais, permitindo o surgimento de uma nova família. Desse modo, nota-se a importância em compreender a família dentro do processo de adoção, já que ela aparece como eixo fundamental para estruturação e desenvolvimento do indivíduo, em questão, o adotando. Diante disso, questiona-se: como se caracteriza a experiência e qual o significado da adoção na perspectiva da família adotante?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a experiência e qual o significado do processo de adoção na perspectiva da família adotante.

1.2.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Identificar quais as dificuldades e desafios que a família enfrenta no processo de adoção juntamente com a criança;
- Compreender a expectativa da família em relação ao processo de adoção;
- Identificar de que maneira a família prepara o seio familiar para receber o adotando;
- Compreender como se estabelece o vínculo entre a família e a criança;
- Entender como a família percebe o apoio psicológico recebido durante o processo de adoção.

1.2 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada com famílias que tiveram experiência e/ou passaram pelo processo de adoção há no mínimo 1 ano, exclusivamente, as que fazem parte do grupo de apoio à adoção.

1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Sabe-se que a convivência familiar e a inserção em um contexto social têm um papel importante no desenvolvimento de qualquer indivíduo. A adoção se estabelece como sendo uma oportunidade para a criança de garantir cuidados dentro do seio familiar e permitir a reconstrução de sua identidade. A preocupação atual nos dias de hoje, é de atender as necessidades do adotando, no caso essa criança, assegurando para esta um lar adequado para o seu desenvolvimento social.

Já não se define a adoção como uma afiliação de segunda categoria ou apenas como um último recurso. Previamente podemos definir a adoção como uma outra possibilidade de se constituir uma família, a qual pode trazer resultados tão prazerosos quanto a filiação biológica. Diante disso, entendemos que o processo de adoção segue uma linha própria e que existem experiências e significados que fazem parte dessa família, que necessitam ser compreendidos e elaborados dentro do processo como um todo. Ademais, a atuação do psicólogo no processo de adoção é indispensável, visto que é através dela que existe disponibilidade para escuta e conscientização para essa família candidata à adoção, auxiliando o percurso das famílias e possibilitando um desenvolvimento mais saudável dos adotandos.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA

Essa monografia está dividida em quatro seções. A primeira traz a Introdução, com apresentação do Problema em questão, dos Objetivos, tanto geral, como os específicos, além da Delimitação do Estudo, da Relevância da Pesquisa e de como foi organizada essa Pesquisa. A seguir, na segunda seção será apresentada a Revisão de Literatura, a qual aborda os seguintes temas: uma breve contextualização da Adoção no Brasil, a Definição de Família, Família e o Processo de Adoção e a Atuação do Psicólogo. A seguir, na terceira seção, estará o Método, composto por Tipo de Pesquisa, Área de Realização, População, Instrumento, Procedimento para Coleta de Dados e Procedimento para Análise de Dados. A Discussão dos Resultados é evidenciada a quarta seção, juntamente com as Considerações Finais desta pesquisa, Referências e Anexos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A literatura base revisada para a fundamentação desta pesquisa encontra-se organizada da seguinte forma: foram abordados a história e o processo da adoção no Brasil, salientando algumas características desse processo. Adiante, compreendeu-se sobre a definição de família e a relação da família e criança nesse momento de filiação. Disserta-se sobre a importância da preparação do ambiente familiar e os significados estabelecidos pela família e adotando diante da adoção. Por fim, atenta-se sobre o acompanhamento psicológico e a atuação do profissional da área de psicologia, sendo este essencial durante todo o processo de adoção.

2.1 ADOÇÃO

O ato de adotar pode ser considerado uma das práticas mais antigas da civilização humana. Pois, aparentemente acolher representantes da mesma espécie, ainda mais esses sendo de menor idade, é algo comum do ser humano, de forma a ser tão natural e coerente como a filiação biológica (SENA, 2018).

O tema adoção, apareceu pela primeira vez em nossa legislação brasileira no ano de 1828, como uma forma de ajudar os casais que eram inférteis (PAIVA, 2004 apud MAUX; DUTRA, 2010). Sendo que, a associação da adoção como uma saída para esses casais, recebeu influência cultural dos ancestrais. Mas sabemos que esta forma de filiação, não é exclusivamente para solucionar o caso de casais inférteis (MAUX; DUTRA, 2010).

Estudos apontam que há pouco mais de 50 anos somente casais tinham a possibilidade de ter filhos adotivos. Mas esse cenário muda, por meio da legislação de 1965 (Lei 4.655), que dá o direito para além das pessoas casadas, as viúvas e os divorciados também venham a ter direito de adotar (MAUX; DUTRA, 2010). No final de 1980, as legislações passaram por transformações, na América Latina. Essas transformações tinham como foco atender aos princípios da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, que no ano de 1989 foi adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas. De modo que, a criança se tornou um sujeito de direito (SILVA 2012).

A criança e adolescente têm direito a proteção à vida e a saúde; mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o

nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência. (ECA, Art. 7, Cap. I apud SILVA, 2012).

Juridicamente, a adoção é vista como um procedimento legal que consiste em delegar todos os direitos e deveres de pais biológicos para uma família substituta, concedendo para criança e adolescente todos os direitos e deveres de filho, somente quando forem esgotados todos os recursos para que a convivência com a família original seja mantida. Para Rodrigues (1995), na esfera do Direito Romano, a adoção é definida como: “*adoptio est actus solemnus quo in loco filii vel nepotis adscicitur qui natura talis non est*”, ou seja: a adoção é o ato solene pelo qual se admite em lugar de filho quem pela natureza não é (RODRIGUES, 1995. p. 22. apud SILVA, 2012).

Logo quando se menciona sobre o processo de adoção, relacionamos normalmente a questão do processo jurídico em si e, isso vem de muitos anos. No olhar do judiciário, as famílias candidatas a adoção eram vistas apenas como um processo. Contudo, Cruz (2007) aponta que existe uma urgência em humanizar o processo de formação de uma família por meio da adoção. E segundo a autora esse cenário vem mudando gradativamente com trabalho árduo para estabelecer uma nova cultura de adoção no Brasil, desenvolvido pela ANGAAD (Associação Nacional de Grupos de Apoio a Adoção), pelos grupos de apoio à adoção espalhados pelo país e pelas famílias adotantes.

Podemos definir a adoção como inserção num ambiente familiar, de forma definitiva e com aquisição de vínculo jurídico próprio da filiação, segundo as normas legais em vigor, de uma criança cujos pais morreram ou são desconhecidos, ou, não sendo em o caso, não podem ou não querem assumir o desempenho das suas funções parentais, ou são pela autoridade competente, considerados indignos para tal. (DINIZ, 2010, p.67 apud SILVA, 2012, p.).

João Seabra Diniz (2010) define a adoção por meio de um conceito mais amplo de aspecto social, afetivo e moral. Segundo Diniz a adoção hoje, não se resume apenas em possibilitar que aqueles que por motivos de infertilidade não possam gerar um filho, em tê-lo ou por piedade daquela criança, ou ainda, para aliviar a solidão dela. Mas sim, que a adoção permita que a criança pertença a uma família, aonde ela se sinta acolhida, protegida, segura e amada, com o objetivo de cumprir plenamente às reais necessidades da criança (DINIZ, 2010, p. 67 apud SILVA, 2012). Afinal, a criança tem como característica precursora, a dependência do outro para sobreviver (SOLON, 2006).

Se somente a infertilidade ou incapacidade biológica de gerar um herdeiro são os motivos para que os pais optem pela adoção, se faz importante, inicialmente romper e cuidar dessas problemáticas, elaborando as perdas das funções reprodutivas e do laço sanguíneo. É necessário que os candidatos à adoção tenham clareza desses fatores, para que não exista conflitos futuros, isto é, que exista uma preparação primordial antes de ambos se entregarem ao processo. Essa preparação, não se aplica apenas aos pais adotantes, visto que, todos estão sujeitos a vivenciar perdas, lutos e carências, até mesmo com a vinda de um filho biológico (WEBER, 1996).

No Brasil, a narrativa sobre a adoção tem um percurso extenso e se faz presente desde a época da colonização. A adoção, nesse momento, aparece como uma forma de caridade, em que os mais favorecidos prestavam assistência aos menos favorecidos. As famílias brasileiras tinham como hábito criar os chamados “filhos de criação”, mas essa situação não era formalizada e, a permanência dos mesmos servia como uma oportunidade de se possuir mão de obra gratuita (PAIVA, 2004).

Por conta disso, no século XX, ao contrário de outros países que optavam por abrigos ou instituições para acolhimento das crianças abandonadas, o Brasil buscava essas soluções informais, já que as adoções não eram regulamentadas por lei. Tais soluções marcam a história da assistência à criança e adolescente no país (PAIVA, 2004).

Atualmente, é preciso refletir sobre o debate relacionado ao abandono e a adoção de crianças e adolescentes, pois expressa uma ressignificação de valores, esclarece crenças que geram limites e repensa, o que de fato é o mais importante, o interesse da criança e do adolescente (SILVA, 2012). Na realidade do Brasil, o afastamento da criança dos pais biológicos é visto de forma bastante polêmica e, em muitos casos, poderá soar como fútil em relação a abandona em todas as situações em que ocorre a ruptura das relações afetivas da criança com a família de origem (MENDES, 2007).

Além da adoção, outras medidas de proteção podem ser tomadas, como o acolhimento em famílias extensas ou substitutivas; segundo o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990) o acolhimento em instituições de abrigo, podendo ser legalizada em termos de Guarda, Tutela ou Adoção (SOLON, 2006). Temos como propostas atualmente os chamados “lugares temporários”, contudo, existem diversas formas de acolhimento social às crianças desacolhidas. Mesmo com a alternativa de lugares transitórios, a realidade é que a grande parte dos abrigos, passam a ser um

lugar de extensa permanência para crianças e adolescentes desligados de sua família (MENDES, 2007).

O acolhimento institucional de crianças e adolescentes, portanto, surge como uma medida alternativa ao abandono ou à situação de risco dentro do ambiente familiar. Entretanto, ao se tornar muito prolongado para alguns, o acolhimento se faz problemático, pois não preenche várias das necessidades do infante, infringindo seu direito à convivência familiar e gerando danos, por vezes, irreversíveis (UBA; KOESTER, 2012).

O principal foco das pesquisas aparece como sendo a criança, porém poucos estudam investigam a adoção a partir da ótica da própria criança: fala-se sobre a criança, mas não com ela. Então, é importante tornar a criança sujeito ativo e de direitos nesse processo, buscando conhecer os significados que a própria atribui ao processo. Dentro do processo de adoção a criança está sujeita a uma cadeia de fatores que abrangem este processo desde a história de abandono até a expectativa dos pais adotantes (SOLON, 2006).

Atualmente, a criança e o adolescente não ocupam mais um papel secundário no processo de adoção e assumem como os principais interessados, por meio da doutrina da proteção integral que passou a garantir a eles todos os direitos fundamentais individuais e nortear os direitos desses menores. Através da Constituição Federal de 1988, os filhos adotivos e biológicos desfrutam dos mesmos direitos e qualificações, a partir do princípio da proteção integral, que extinguiu a distinção entre filhos biológicos e adotivos, proibindo quaisquer designações discriminatórias (FILIPPELLI, 2016).

O tempo de institucionalização que a criança vivencia, provavelmente deixa marcas em sua constituição psíquica. De modo que, apesar de querer se fazer os processos da adoção serem agilizados, para que o tempo de institucionalização não seja desnecessário, devemos levar em consideração o período em que a criança viveu no abrigo, pois existe uma história de vínculos, experiências e perdas (MENDES 2007).

Portanto, o tempo de vivência em abrigos e unidades de acolhimento da criança deve ser o menor possível, entretanto, inúmeras crianças passam longos períodos de sua infância sem ter uma convivência familiar. Desse modo, as crianças que sofrem privação de um ambiente familiar e vivem em instituições nos primeiros anos de vida desenvolvem-se de maneira negativa. Na maioria das vezes, os laços

de afetividade construídos dentro das unidades de acolhimento são frágeis. No contexto institucional as oportunidades para que a criança possa exercitar suas capacidades e ser encorajado às atividades pessoais quase não existem e isso dentro do ambiente familiar ganha espaço (UBA; KOESTER, 2012).

Há três diferentes porquês nos quais as crianças são afastadas de sua família de origem – podemos observamos que na maior parte das vezes os pais já não fazem parte dessa família, por esse fato foi utilizado a “mãe” em todas as situações – sendo uma delas, a doação da criança ainda bebê, quando a mãe entrega logo após o nascimento, dirigindo-se ao juiz competente e renunciando por meio de um documento formal o pátrio poder. Ou quando o bebê é abandonado pela mãe na maternidade ou em qualquer lugar público e elas desaparecem. Ou também, em caso de a mãe ter dificuldades irremovível, de modo a buscar pelos serviços de uma instituição de abrigo, a princípio como uma solução provisória. Porém, se a mesma não conseguir modificar tal situação, afasta-se da criança e declara abandono definitivo, perante um juiz perdendo o poder familiar. E há, a possibilidade, do juiz impor a perda do pátrio poder, por meio de um estudo psicossocial, constatando que o menor se encontra em situação de vulnerabilidade, em função de maus tratos (NABINGER, 1991 apud MENDES, 2007). Segundo a legislação brasileira a adoção é para sempre e não pode ser revogada, porém caso ocorra algo que possa prejudicar o adotado, pode vir acontecer de se fazer necessário a perca do poder familiar (BRASIL, 1990).

Quando se trata dos tipos de adoção, de forma jurídica, não nos é apontado nenhum tipo de distinção. Todavia, temos as consideradas “adoções difíceis”, onde no Brasil, crianças com idades mais avançadas encontram um menor interesse de adoção. Assim, existe uma longa espera durante todo o período do processo de adoção, a destituição do Poder Familiar geralmente acontece quando a criança já possui uma idade mais difícil para adoção, nesse caso em especial, entra as “adoções difíceis”. Entre os tipos, temos: a adoção de grupos de irmãos, adoção de portadores de HIV, de portadores de deficiências mentais e, as adoções inter-raciais (MENDES, 2007). Também existem, as adoções tardias (relacionados a adoção de crianças maiores de dois anos), o que nos faz pensar que a adoção seja um privilégio de recém-nascidos e bebês. Outro tipo seria a adoção pronta e direta em que a genitora opta para quem deseja entregar o seu filho. A mãe biológica procura a Vara da Infância e da Juventude, juntamente com o pretendente à adoção, para legalizar um

convívio que já esteja acontecendo de fato. Essa forma de adoção gera bastante discussão. Assim como à adoção por homossexual, a homossexualidade pode abarcar a união entre dois homens, ou o relacionamento entre duas mulheres, envolvendo o âmbito sexual. Sabe-se que a adoção por homossexuais é considerada um tema muito polêmico. Existe a adoção à brasileira, expressão usada para designar uma forma de procedimento, que desconsidera os trâmites legais (SILVA, 2012).

E por fim, dentro tantos tipos de adoção, a adoção ideal é aquela que possibilita a vida em família, para as crianças e os adolescentes, de qualquer faixa etária, que não tem lar tenham qualidade de vida e obtenham o seu desenvolvimento psicofísico, como explicita (SILVA; ROBERTO, 2003 apud SILVA, 2012).

Levinzon (2004, p.25 apud SCHETTIN; AMAZONAS; DIAS, 2006) define que “toda filiação é, antes de tudo, uma adoção”. Vale lembrar que a filiação por meio da adoção é um processo, por isso não cabe aos outros que estão ao redor daqueles que tomaram essa decisão se colocarem na posição de juízes. Diante de cada caso para adoção, existe uma particularidade, e assim, o profissional que acompanhará o processo terá muito a aprender, buscando principalmente auxiliar os candidatos a pais a descobrir seus reais desejos e motivações.

2.1.1 O cadastro de adoção no Brasil

Recentemente o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) promoveu mudanças nos cadastros de adoção e desde o dia 12 de outubro de 2019 o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA) passou a ser obrigatório para os tribunais e com o foco de conceder uma visão integral sobre a infância desde a entrega no sistema até sua saída e também buscando ser mais efetivo na resolução dos casos, substituindo o Cadastro Nacional da Adoção e o Cadastro Nacional de Crianças Acolhidas (CNJ, 2019).

O cadastro principal é o nacional, instituído e coordenado pelo Conselho Nacional de Justiça, que recentemente o atualizou instituindo o Sistema Nacional de Adoção, porém alguns estados possuem cadastros a nível estadual (CNJ, 2019).

O art. 197-E, do ECA, esclarece que a convocação para adoção, daqueles que foram habilitados e integram o cadastro, será feita de acordo com a ordem cronológica de inscrição e considerando o interesse do adotado. Assim, conforme Sávio Bittencourt (2010, p. 131),

[...] se uma criança tem características que demonstrem a inconveniência da adoção pelo primeiro habilitado da lista, em função de incompatibilidade entre o perfil da criança e do interessado, deve ele ser preterido, entregando-se a criança aos cuidados de outro habilitado cadastrado.

As áreas jurídica, política e cultural interferem na efetivação dos direitos da população infanto-juvenil, de modo que seus múltiplos aspectos devem ser contemplados na realização de seus interesses (UBA; KOESTER, 2012).

Hoje, existe um cadastro da Vara de Infância e Juventude, pertencente a cada fórum, além disso, o ECA prevê cadastros estaduais e nacional de adoção (art. 50, §5º), ambos são fiscalizados pelo Conselho Nacional de Justiça (ISHIDA, 2018).

Após a aprovação da documentação o candidato à adoção passará por etapas como entrevista, atendimento psicológico e assistentes sociais, com o intuito de investigar as reais intenções e condições do candidato (BRASIL, 1990). A avaliação dos candidatos é obrigatória pela legislação, nesse contexto, os testes psicológicos são importantes, pois facilitam à expressão verdadeira dos pretendentes a adoção (DUTRA, 2005 apud SILVA; TOKUDA, 2018).

2.1.2 Processo de habilitação

A habilitação para adoção é procedimento de jurisdição voluntária, ocasionado por quem se propõe a adotar. Com o propósito de garantir que os candidatos estejam preparados para deter a responsabilidade intrínseca à paternidade, evitando as chamadas “devoluções”, se fez importante a existência de um período de preparação que passou a fazer parte do procedimento da habilitação para adoção (FILIPPELLI, 2016).

Aparentemente o procedimento de habilitação para adoção, se institui de uma simples formalidade, entendimento esse que deve ser superado, uma vez que a habilitação se mostra essencial para verificação da confiabilidade, das condições morais e emocionais dos pretendentes, avaliando as motivações e o preparo destes (FILIPPELLI, 2016).

Com a adesão do pedido de habilitação à adoção, os dados do pretendente a adoção são inseridos no sistema nacional, observando-se a ordem cronológica da decisão judicial. É importante para que o cadastro não se torne inativo no sistema, que os candidatos à adoção conservem sua habilitação válida no sistema. A

habilitação do pretendente à adoção é válida por três anos, podendo ser renovada pelo mesmo período. O prazo máximo para conclusão da habilitação à adoção será de 120 dias, prorrogável por igual período, mediante decisão fundamentada da autoridade judiciária (CNJ, 2019).

Assim, concedida a habilitação, será emitido o certificado ao candidato e determinada sua inclusão no cadastro de pretendentes à adoção. O candidato aguardará, consoante sequência na lista, o contato da equipe técnica da Vara de Infância, assim que surgir uma criança ou adolescente no perfil indicado na petição inicial do procedimento de habilitação (FILIPPELLI, 2016).

2.2 FAMÍLIA E ADOÇÃO

2.2.1 Breve definição de família

A família pode ser compreendida como a unidade social mais antiga da sociedade. Antes de as pessoas se organizarem em uma comunidade sedentária, ela era um grupo de pessoas ligadas por um ancestral comum ou pelo casamento. Sob a liderança do "patriarca", todos os membros da família assumiam obrigações morais entre si e pertenciam à mesma comunidade. E todos os seus descendentes possuíam uma identidade cultural e hereditária comum. Com o crescimento dos territórios e populações desses grupos, essas entidades familiares começaram a se unir e formar a primeira tribo, grupos sociais composto por descendentes (CUNHA, 2009 apud ROSSI; HAMMARSTRON; ZANATTA, 2017).

Uma das definições de família, pode vir a ser descrita a partir do Ciclo Vital Familiar, que é entendido por Cervený e Berthoud (2010) através de 4 etapas: Fase de Aquisição, Fase Adolescente, Fase Madura e Fase Última. Portanto, esse Ciclo Vital Familiar está ligado as fases que as famílias vivenciam enquanto um sistema, desde a sua constituição até o falecimento de um dos membros que iniciou tal família. O sistema familiar é caracterizado como o sistema mais importante da vida de uma pessoa, desse modo, é preciso uma compreensão ampliada do sistema, unindo o contexto social, cultural e econômico. (CERVENY; BERTHOUD, 2002).

A configuração familiar, pode vir a ser definida em termos dos arranjos e disposições dos membros que compõem uma família, o que possibilita que as famílias tenham diferentes configurações. O conceito de configuração familiar diz respeito ao conjunto de pessoas que compõem o núcleo familiar. Essa composição pode ser

desde o modelo tradicional composto por parentesco e consanguinidade ou de maneiras mais complexas que coincidem na sociedade. O alicerce da composição do núcleo familiar, pode vir a ser definido além dos fatores biológicos e legais (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011).

Uma família é um sistema que se regula através de padrões de funcionamento que são constantemente ativados quando os membros do sistema estão em interação entre si, sendo estes os padrões transacionais. Percebe-se, portanto, o sistema familiar como um grupo de pessoas que relacionam entre si através de vinculações, que moldam uma extensa rede de comunicação e mútua influência. Assim, a estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que compõe as maneiras pelas quais os membros da família interagem (MINUCHIN, 1982; MINUCHIN, COLAPINTO E MINUCHIN, 1999 apud WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011).

A família pode ser considerada, Segundo Cruz (2007) um conjunto de pessoas que formam um lar, sendo assim, uma instituição responsável por promover a educação dos filhos e influenciar seus comportamentos no meio social. Sabe-se que é no seio familiar que são transmitidos os valores morais e sociais, bem como as tradições e os costumes. A mesma autora, afirma que o ambiente familiar é um local onde deve existir harmonia, afeto, proteção e todo o tipo de apoio necessário para a resolução de conflitos ou problemas de algum dos membros pertencentes a esse conjunto de pessoas de forma segura proporcionando a unidade familiar.

Hoje em dia existem diversas formas de estrutura familiar, porém a família continua sendo o primeiro grupo ao qual o indivíduo pertence. O modelo de família até pouco tempo atrás era constituído pelo pai, a mãe e os filhos, e este era considerado para a sociedade o modelo ideal. Dessa forma, os demais grupos familiares que não seguiam este padrão, eram considerados “inadequados”. Compreende-se que a organização familiar no decorrer dos anos, sofreu transformações (TABORDA, 2014).

Assim, delinear um perfil único da família brasileira não seria adequado, pois o conceito de família se diversificou ao longo dos anos. Contudo, algumas características são salientadas, como: diminuição do número de membros na família, aumento de divórcios e recasamentos, maior participação da mulher na manutenção econômica do lar, casais de dupla carreira e diferentes formas de compartilhar papéis nas funções parentais, assim por diante (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011). Não existe um formato padrão atualmente de família, o que torna desafiador buscar uma

definição para tal, já que ela é uma abrangente gama de configurações possíveis (SANTOS; CERVENY, 2013).

A família é caracterizada como o pilar da sociedade, exercendo diversas e indispensáveis funções, sendo uma das funções, ser um meio primário para o desenvolvimento das pessoas na sociedade. De certo que o direito à convivência familiar deve ser visto pela perspectiva do direito humano, já que é no seio da família que a pessoa desenvolve e completa o ciclo de socialização, aprendendo, adquirindo valores sociais e reconhecendo as diferenças de comportamento (UBA; KOESTER, 2012).

Segundo Bock (1999), a família está inserida na base material da sociedade, ou seja, as condições históricas e as mudanças sociais estabelecem a forma como a família irá se organizar para cumprir sua função social. Além de, também ser reconhecida como um lugar de procriação é responsável pela sobrevivência física e psíquica das crianças (TABORDA, 2014).

2.2.2 A família no processo de adoção

A adoção traz consigo inúmeras peculiaridades, desse modo, a família adotiva se depara no curso da vida com desafios assim como as famílias biológicas, apesar de ambas serem formadas de modo diferente. Incluindo o fato de que toda criança que é adotada pertence a duas famílias. Porém, isso não exclui, que a família adotiva é uma das expressões de relações humanas, sendo capaz de suprir às necessidades do adotando (RAMPAGE; EOVALDI; MA; FOY; SAMUELS; BLOOM, 2016).

Ao longo do tempo, a ideia de família vem tomando novas configurações. É a partir dessa convivência no seio familiar, que a criança começa a adquirir valores éticos, criam laços e raízes, construindo valores culturais. Na família, o afeto ganha espaço, anulando que o desenvolvimento emocional da criança e dos demais membros da família sejam prejudicadas (SILVA, 2012). Os mitos e os preconceitos enraizados dentro da sociedade, em relação à adoção estão perdendo força, pois as famílias adotivas, vêm tomando de pouco em pouco, uma maior visibilidade, saindo de um lugar de clandestinidade (SCHETTIN; AMAZONAS; DIAS, 2006).

É bem verdade que as famílias adotivas trazem consigo um repertório de ansiedades e frustrações durante o processo de adoção e à espera da chegada do filho adotivo. Isso, porque diferente dos pais que possuem filhos biológicos, o casal

pretendente à adoção passa por um extenso processo de avaliação e determinações jurídicas até o momento da filiação e tal processo demanda muito dessa família. Até mesmo após, pois terão que lidar com todas as experiências da criança (MENDES, 2007).

Sendo assim, como parte do procedimento regular, o Estatuto da Criança e do Adolescente determina que exista uma fase de preparação as famílias candidatas a adoção. Regulamentado do art. 197-A ao art. 197-F, do ECA, o alvo do processo de habilitação é comprovar a capacidade dos pretendentes para tornarem-se pais. Isso é feito por meio da análise da documentação dos adotantes e por entrevistas realizadas pela equipe técnica interprofissional das Varas de Infância e Juventude. Somente depois de se concluir o processo de habilitação, os pretendentes são declarados aptos e são inseridos no Cadastro Nacional de Adoção (ISHIDA, 2018).

Pode-se dizer que adoção tem como finalidade responder as necessidades das crianças e dos pais, permitindo que ela encontre uma nova família, um ambiente afetivo satisfatório e ao mesmo tempo formativo. Para que a criança adotiva, se adapte e sua saúde mental seja saudável, é necessário que exista uma reciprocidade entre fatores internos e externos, já que, segundo Levinzon (2000 apud TABORDA, 2014), o desenvolvimento satisfatório de uma criança depende de uma conjunção de fatores externos e internos. Conforme o mesmo autor, uma boa relação com os pais adotivos, na qual a criança se sente amada, aceita e compreendida, proporciona-lhe a oportunidade de minimizar suas fantasias de abandono.

A família passou a ser vivenciada como um espaço de afetividade, destinada a realizar os anseios de felicidade de cada um. Os elos de convivência, que levam ao enlaçamento de vidas e ao embaralhamento de patrimônios, fazem surgir comprometer mútuos e responsabilidades recíprocas. (...) No momento em que a família passou a ser identificada pela presença de um elo de afeto, também os vínculos de parentalidade começaram a ser definidos pela identidade socioafetiva e não pela consanguinidade (DIAS, 2009. p. 7).

Para Winnicott (1983 apud ALVARENGA; BITTENCOURT, 2013), um ambiente suficientemente bom pode ser definido a partir da capacidade dos cuidadores de proporcionar segurança frente às possíveis crises e testes que a família irá enfrentar, permitindo que estas aconteçam e, mesmo assim, permaneça estável. Diante disso, a adoção de uma criança exige uma capacidade de adaptação.

Segundo Trindade (2002, apud UBA; KOESTER, 2012) no que diz respeito ao aspecto psicológico os pais são cooperadores importantes no desenvolvimento sadio da criança e, é na família que se estabelecem as primeiras relações de objeto, sobre os quais se pautam todo o desenvolvimento posterior do indivíduo. A motivação dos pais é vista como algo importante a ser considerado, é notável que existam similaridades entre os motivos dos mesmos, contudo podem existir diferentes motivações e não necessariamente, uma é melhor do que a outra, visto que a motivação principal dos pais para adoção aparece como o desejo de ter filhos (COSTA; CAMPOS, 2003).

Os pais passam por um período de espera e diante isso estão numa fase de transição para a parentalidade. Nesse período, surgem inúmeros pensamentos e sentimentos, os pais tendem a imaginar a criança, em decorrência das características que foram escolhidas por meio do cadastro no Fórum (WEBER, 2004). A partir disso, a espera pelo filho adotivo, transforma-se em sofrimento, aumenta as fantasias referentes à adoção e à demora, e gera inúmeros questionamentos, pois sabe-se que essa situação carrega um grande peso para o casal. O momento de idealização do filho e da relação que se dará com ele desencadeia sentimentos de ansiedade e ambivalência para o casal (HUBER; SIQUEIRA, 2010).

Essa construção da parentalidade, reflete-se na forma de como os pais adotantes, irão encarar essa nova fase na formação de uma família: se encontrarão novas soluções para inserir a criança no imaginário parental ou se reproduzirão o modelo de família biológica. Diante disso, podemos destacar que os candidatos a adoção no momento de espera pelo filho adotivo vivenciam um fenômeno chamado “gestação adotiva” (REPPOLD et al., 2005 apud HUBER; SIQUEIRA 2010). Esse fenômeno é singular, longo e sutil, pois não é visível aos olhos dos outros, não gerar mudanças físicas na mulher e não possui um tempo determinado para se concretizar, favorecendo em detrimento dessas particularidades mais angústias e fragilidades para os pais adotantes (REPPOLD et al., 2005 apud HUBER; SIQUEIRA 2010).

A idealização sobre a criança desejada, existe tanto para pais adotivos, quanto para os pais biológicos. Baseada nessa idealização, após o contato profundo no dia a dia familiar com a criança, surgem novos elementos que podem acabar distorcendo a imagem que foi estabelecida anteriormente, fazendo com que exista um luto a ser elaborado em relação ao filho idealizado. No caso da criança adotiva, sabe-se que isso faz parte da história passada vivenciadas pela a criança (MENDES, 2007).

O adotando, ao entrar na família adotiva não deixa de ter os pais biológicos como genitores e esse filho traga consigo toda uma vivência antes do processo de adoção e, essa história não pode ser negada, ou seja, para um desenvolvimento psíquico saudável da criança, suas vivências precisam ser integradas ao seu novo estilo de vida juntamente com sua família atual. Sendo assim, é indispensável que os candidatos a pais estejam conscientes dessas questões durante o processo de adoção e esta conscientização, por sua vez, pode vir a ser dificultada por processos de negação vinculados a questões inconscientes dos adotantes (SCHETTIN; AMAZONAS; DIAS, 2006).

A criança, chegará no seio familiar trazendo consigo vínculos afetivos de diferentes naturezas, além de extremas rupturas afetivas. E, assim se dará os vínculos familiares com a nova família adotiva. O bebê, quando adotado logo no início de sua vida, não chega à família com experiências de vinculações relevantes como a criança, que demanda cuidados especiais por parte dos seus novos pais para estabelecerem as novas ligações afetivas, que certamente serão afetadas por conta das vivências anteriores (MENDES, 2007).

Para Sampaio (apud CRUZ, 2007) é preciso entender que os vínculos e o amor são uma construção diária, e é primordial estar aberto para essa construção, pois assim, o vínculo será seguro para o adotando que acabou de chegar no ambiente familiar e estar ciente dos desafios que estão por vir durante esse processo. Sendo que a criação de vínculo, é um relacionamento que leva tempo para ser construído. Até mesmo biologicamente, muitos pais relatam que não sentem um vínculo imediato (MILLER apud CRUZ, 2007).

A prática da paternidade e da maternidade não pode ser respaldada apenas por conta do laço sanguíneo. Schettini (1998), nos traz a reflexão sobre a supervalorização dos laços de sangue, para o autor aprende-se culturalmente que por meio dos laços sanguíneos, o ser humano obrigatoriamente deve amar aquele que foi gerado na esfera biológica. Ou seja, de acordo com a cultura de laços de sangue não é possível que por meio do ato de adotar exista o sentimento de amor e isso, implica numa possibilidade maior de rejeição, gerando medo nas famílias adotivas. Por conta disso, o apoio, o acolhimento e aceitação da adoção pela família extensa é de se considerar um pilar para as famílias que estão nesse processo de filiação. Ademais o mesmo autor, entende que, afetivamente, as relações familiares não são garantidas pelos laços biológicos (COSTA; CAMPOS, 2003).

A relação entre o adotado e o adotante é maior que a consanguínea, eles estabelecem um vínculo afetivo, muitas vezes maior do que a afiliação natural, porque o pai ou a mãe que muitas vezes não podem ter filhos naturalmente o desejam muito. Essa conexão às vezes é estabelecida antes que crianças ou adolescentes finalmente vivam com eles, e os menores certamente desejam ser amados e cuidados (ROSSI; HAMMARSTRON; ZANATTA, 2017).

Assim como a família biológica a família adotiva possui uma essência, porém cada um possui características diversas e não devem ser perdidas de vista, assumir de fato um filho adotivo é, ao contrário, não esquecer e não negar ao adotado a história de suas origens. Contudo, não é por ter o mesmo sangue que o amor será garantido, nem mesmo o sucesso da relação. O amor de uma família adotiva é construído da mesma forma que de uma família biológica (WEBER, 1996).

A gravidez da adoção se dá no coração, que está cheio de sentimentos, sensibilidade, afeição e amor por um ser que não foi gerado na barriga, mas desse órgão. Essa gravidez exige das famílias muita coragem para enfrentá-la e aprendendo a discernir o seu valor durante o tempo de espera. Já que, não existe um tempo determinado, podendo levar dias, meses ou anos, pois não é o mesmo processo de uma gestação biológica, mas em questão emocional ambas são parecidas, porque em ambas, é importante estar com o coração disposto para receber uma criança (CRUZ, 2007).

Por conta disso, o acompanhamento psicológico para as famílias pretendes a adoção se faz indispensável, pois é por meio da atuação do profissional que as famílias poderão se prepararem emocionalmente para a chega do adotando, discernindo os sentimentos presentes durante e pós todo o processo de adoção.

2.3 ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO

Para Madeira, Gomes e Santos (2014 apud SILVA, TOKUDA, 2018) o psicólogo no processo de adoção, fornece um parecer positivo ou negativo em relação ao pretendente à adoção. O psicólogo, fará uso de técnicas para avaliação, buscando uma análise mais aprofundada da pessoa interessada em adotar. Além disso, o psicólogo irá nortear o trabalho do juiz e promotores sobre a saúde mental dos futuros pais, e se estão preparados para assumirem uma difícil tarefa de criar e educar os filhos.

A importância do trabalho do psicólogo, torna-se evidente em processos de adoção, entendendo que cada caso possui suas particularidades e demandas e, que o profissional deve trabalhar lidando com tais demandas e particularidades. É necessário criar estratégias apropriadas, de modo que possam ser minimizadas as probabilidades de fracasso. Ozoux-Teffaine (2004 apud ALVARENGA; BITTENCOURT, 2013) destaca o quanto o trabalho de acompanhamento é essencial para ajudar os adotantes a atravessar o período intermediário, marcado por angústias persecutórias, em direção à construção da filiação. Crine e Nabinger (2004 ALVARENGA; BITTENCOURT, 2013), por sua vez, explicitam a necessidade da mediação de um espaço-tempo transicional para que ambas as partes possam elaborar gradativamente expectativas e frustrações.

Muitas das vezes, nesse cenário da adoção, os pais estão inseridos em um contexto bastante complicado, no qual o motivo é não conseguirem ter um filho biológico, relacionado os aspectos como infertilidade, perdas, privações e assim surge o desejo de adotar uma criança, o qual envolve grande expectativa. O processo de adoção, pode vir a ser bastante trabalhoso, já que os pais precisam lidar com aquilo que imaginam, com a falta do vínculo genético, anseios em relação aos pais biológicos e a ligação dos mesmos com a criança, assim como o não acompanhamento no pré-natal até o parto (SILVA, 2015).

Esses pais, mesmo que não vivam a experiência da gestação, se tornam “grávidos emocionalmente” e, portanto, se faz indispensável durante todo o processo de adoção à espera desse filho, que as famílias candidatas tenham a possibilidade de um acompanhamento psicológico. Sendo que, por meio desse acompanhamento os pais busquem identificar suas verdadeiras motivações conscientes como inconscientes para a adoção, recendo todo apoio profissional que os orientem com clareza e de maneira progressiva para encerrar as angústias e frustrações vivenciadas durante este período (SILVA, 2015). É indispensável que exista uma preparação e um acompanhamento tanto aos pais adotivos quanto aos pais biológicos, sendo uma maneira preventiva e assim facilitando por meio dessa preparação, um maior êxito ao relacionamento pais e filhos. De modo que, essa preparação e o acompanhamento são vistos de forma diferente por ambos (WEBER, 1996).

Assim como no pré-natal de uma gravidez biológica, na gravidez do coração também é necessário que exista um cuidado com o físico e com o emocional. Na adoção, existe a chamada gestação do coração, uma gravidez que não é visível, a

qual as famílias vivenciam a parentalidade por meio da adoção. Nesse caso, o acompanhamento psicológico é estabelecido como o pré-natal, sendo essencial para que tenha um preparo para os pais na chegada da paternidade e maternidade. São vivenciados pelo casal tantos sentimentos, os quais acredita-se que podem prejudicar a saúde significativamente, e assim, prejudicar a preparação para a chegada do filho. Os pais vivenciam medos, estresse e ansiedade, além da sensação de solidão nessa espera, que precisa de um suporte consistente, profissional e imparcial, podendo oferecer uma orientação nesse período, pois a caminhada até a filiação é difícil e exigem aprendizados e amadurecimento durante todo o processo (CRUZ, 2017).

Na adoção o fator da espera para esses pais em relação a chegada do filho adotivo é grande e difícil na maioria dos casos. Apesar de terem consciência que existe um sistema e uma lista oficial, sendo chamados assim que houver a disponibilidade para a filiação com alguma criança, muitos candidatos sentem durante o processo que nada está acontecendo. Com isso, mais uma vez, ressalta-se a importância de disponibilizar acompanhamento e apoio durante a espera (REPPOLD et al., 2005 apud HUBER; SIQUEIRA 2010).

Em relação ao adotando, Peiter (2011) defende a necessidade de intermediação realizada por profissionais especializados durante o processo de adoção de uma criança. Pois, muitas crianças disponíveis para a adoção não estão preparadas psicologicamente para ligarem-se a outra família, de modo que se deve priorizar a dimensão do tempo psíquico da criança em relação ao tempo jurídico. O que nos revela, o quanto a atuação dos profissionais de psicologia é fundamental principalmente no suporte emocional a ser dado à criança (ALVARENGA; BITTENCOURT, 2013).

A intervenção do profissional tem como objetivo, segundo Oliveira (2014 apud SILVA, 2015) atender às necessidades biopsicossociais das crianças e adolescentes. Entra em questão, os aspectos de adaptação, aceitação, a relação do adotando com os membros da família, na elaboração de uma nova história familiar, além de muitas vezes sendo necessário um olhar centrado na subjetividade alheia de forma individual e no contexto do âmbito familiar.

Trabalhar com pessoas que desejam se tornar pais por meio da adoção é permitir que elas reflitam sobre todos os aspectos que envolvem o relacionamento por meio da adoção e reduzir a chance de conflito ou falha. Os profissionais que assistem as famílias adotivas, devem considerar que a cultura pode influenciar a forma que os

candidatos percebem os filhos adotados, e que a criança já existe na vida afetiva dos pais antes mesmo de eles chegarem (MAUX; DUTRA, 2010).

O psicólogo então, atua de forma a conscientizar os pais sobre suas expectativas e a diferenciá-las da criança idealizada a criança real, o que possibilitará uma melhor adequação dos pais adotivos (SILVA, 2015). Podemos perceber que a psicologia tem cada vez mais ênfase dentro desse processo, exercendo um papel fundamental aproximando os seres humanos e facilitando o processo de adoção. E isso vem se tornando muito mais presente na vida das pessoas favorecendo a construção de uma sociedade mais humanizada (BRASIL, 1990).

Ao finalizar a revisão de literatura, será apresentado na próxima seção o método usado nessa pesquisa, o qual foi elaborado a fim de obter os objetivos propostos. Serão especificados qual o tipo de pesquisa, a área de realização, os participantes, os instrumentos que foram utilizados e os procedimentos de coleta e análise de dados.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

O estudo caracterizou-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa de estudo de caso. A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais as quais os entrevistados apresentam, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos (RICHARDSON, 2012).

A metodologia o estudo de caso consiste no estudo profundo de um ou poucos objetos, de uma maneira que possibilite um conhecimento amplo e detalhado. Segundo Yin (2005, p. 32 apud GIL, 2008), por meio do estudo de caso investiga-se de forma empírica, um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência. Sendo, o estudo de caso uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais (GIL, 2008).

3.2 ÁREA DE REALIZAÇÃO

O estudo de caso foi realizado na cidade de Taubaté, município do interior do estado de São Paulo. Devido à pandemia da COVID-19, a realização da pesquisa foi de forma remota.

As famílias foram recrutadas através de indicação por meio do Grupo de Apoio à Adoção Gerados no Coração – Taubaté (GAAGCT), que oferece apoio e orientação às famílias que estão no processo de habilitação a adoção e/ou famílias que já são formadas pela adoção. O grupo está registrado no Cartório, possui CNPJ e está inscrito na ANGAAD e AGAAESP. Atualmente, o grupo tem em torno de 30 a 70 pessoas participantes das reuniões mensais aos sábados.

3.3 PARTICIPANTES

A princípio seriam cinco famílias entrevistadas, porém, apenas três das famílias participaram da pesquisa. Foram entrevistadas três famílias, que já tiveram experiência e passaram pelo processo de adoção. Foram critérios de inclusão:

famílias que participam do grupo de apoio à adoção e que já tenham adotado uma criança. Não foram usados como critérios, nível socioeconômico da família, números de pessoas integrantes da família e a idade do adotando. A entrevista foi realizada com um dos pais ou com ambos. Na presente pesquisa, foram entrevistadas as mães.

3.4 INSTRUMENTOS

Foi utilizada como instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada.

A entrevista, sendo um conjunto de técnicas para investigação, tendo um tempo delimitado, dirigido por um entrevistador com o foco de descrever e avaliar aspectos pessoais (CUNHA, 2020).

O autor Gil (2008) usa para definir a entrevista semiestruturada, a terminologia entrevista por pautas, que tem como características um grau de estruturação, pois é guiada por uma relação de pontos que interessam o entrevistador ao longo da entrevista. Sendo que, o entrevistador faz algumas perguntas diretas, mas, deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas propostas, preservando a espontaneidade do processo.

3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada a partir da aprovação dessa pesquisa com parecer 4.235.893 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (Anexo A), somente após a assinatura da Autorização Institucional (Anexo B) pelo responsável do grupo de apoio à adoção. A pesquisa atendeu aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos previstos na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. A cada participante foi explicado os objetivos da pesquisa, assim como os aspectos éticos envolvidos. Cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta de dados se utilizou como instrumento a entrevista semiestruturada, realizada para a compreensão dos temas abordados na presente pesquisa: quais as dificuldades que a família enfrenta no processo de adoção; de que forma a família percebe a criança nesse processo; como se dá o estabelecimento de vínculo entre família e adotando; como a família se prepara e prepara o ambiente familiar; se houve apoio psicológico durante o processo de adoção.

As entrevistas foram realizadas de forma remota, por meio da plataforma zoom, devido ao atual cenário em meio a pandemia, gravadas com o consentimento dos participantes e transcritas pela pesquisadora, e serão arquivadas durante o tempo de 5 anos.

3.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados das entrevistas semiestruturadas foram analisados por meio das técnicas qualitativas do método de análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um tema central entre todas as ciências humanas e que no decorrer do tempo tem se transformado em um instrumento importante para o estudo da interação entre os indivíduos (RICHARDSON, 2012). Segundo Moraes (1999), essa análise contribui para reinterpretar as mensagens e atingir um entendimento de seus significados em uma proporção que está além de uma leitura comum, pois constitui uma metodologia de pesquisa utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de toda uma classe. No que se refere a abordagem qualitativa, que foi realizada na presente pesquisa, se faz necessário interpretar os dados obtidos, descrever a realidade de forma completa e revelar os pontos de vista acerca do objeto estudado. Portanto, a abordagem qualitativa, prioriza o contato direto e distendido do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada, visando compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes (GODOY, 1995).

A análise ocorreu a partir de três etapas: pré-análise (organização do material); categorização (codificação e construção das categorias temáticas) e interpretação (realizada à luz da teoria que embasa a pesquisa) (OLIVEIRA, 2007).

Os resultados serão apresentados primeiramente caso a caso (análise vertical) e posteriormente discutidos entre casos (análise horizontal) (OLIVEIRA, 2007).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 APRESENTAÇÃO DAS FAMÍLIAS E SUAS VIVÊNCIAS

Nesta seção será apresentada uma compreensão individual das experiências de cada um dos casos analisados. Ressaltamos que os nomes apresentados são fictícios. As categorias analisadas na presente pesquisa foram: motivação para adotar e processo de tomada de decisão e sentimentos mais presentes; dificuldades e desafios no processo de adoção; preparação e apoio psicológico durante o processo de adoção; mudanças na dinâmica familiar e estabelecimento de vínculo. No Quadro 1 apresentamos uma síntese das características dos participantes.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes

Participante	Sexo	Idade	Cidade	Escolaridade	Emprego
Mãe Céu	Feminino	32	Taubaté	Ensino Médio Completo	Autônomo
Pai Céu	Masculino	37	Taubaté	Ensino Médio Completo	Autônomo
Adotando Céu	Masculino	6 Adotado há 5 meses	Taubaté	1º ano do fundamental	Estudante
Mãe Sol	Feminino	45	Taubaté	Ensino Superior	Funcionária Pública
Pai Sol	Masculino	47	Taubaté	Ensino Superior	Funcionário Público
Adotando Sol	Feminino	3 Adotada há 8 meses	Taubaté	Maternal II	Estudante
Mãe Lua	Feminino	39	Taubaté	Ensino Superior	Funcionária Administrativa em Empresa
Pai Lua	Masculino	41	Taubaté	Ensino Superior Incompleto	Desempregado
Adotando Lua	Feminino	8 Adotada há 1 ano e 10 meses	Taubaté	3º ano do fundamental	Estudante
Adotando Lua	Masculino	6 Adotado há 1 ano e 10 meses	Taubaté	1º ano do fundamental	Estudante

Fonte: Dados da pesquisa

4.1.1 A vivência da Família Céu

“E quando a criança chega, você vê que era pra ser aquela criança, era pra ela ser seu filho.”

Família Céu é composta por três integrantes. Um menino de 6 anos, adotado há 5 meses, estudante, a mãe de 32 anos e o pai de 37 anos. Ambos trabalhadores autônomos, representantes de vendas, casados há 15 anos. Os dois possuem ensino médio completo, são brasileiros residentes na cidade de Taubaté – São Paulo.

CATEGORIAS TEMÁTICAS

Categoria 1: Motivação para adotar, processo de tomada de decisão e sentimentos mais presentes.

Em relação a motivação e a tomada de decisão para adotar, segundo a família Céu *“Sempre existiu o desejo de adoção. Fui criada por um pai de coração e não biológico, então eu cresci aprendendo que era algo normal [...] quando conheci meu esposo e disse sobre esse desejo, ele também compartilhava da vontade de adotar...”*

Para a família Céu, os sentimentos que mais apareceram durante o processo foram a ansiedade e a descrença. *“A ansiedade é muito forte e aquele sentimento de nunca acreditar que o filho vai chegar [...] você vai ficar esperando e nunca vai chegar sua hora.”*

Categoria 2: Dificuldades e desafios no processo de adoção.

Sobre as dificuldades enfrentadas, a família estava na fila da adoção há 4 anos e o quanto faz falta um apoio nesse momento de espera. *“[...] então essa demora, a espera, que é algo muito ruim e a falta de um apoio né?!”*

A mãe aponta a questão da institucionalização como algo prejudicial para ser lidado na filiação. *“O tempo de acolhimento da criança também é uma dificuldade, porque isso prejudica o desenvolvimento da criança.”*

Categoria 3: Preparação e apoio psicológico durante o processo de adoção.

Acerca de como a família se preparou durante do processo de adoção, apareceu a participação em grupo de apoio e o acompanhamento psicológico. *“Frequentamos grupo de apoio desde o primeiro ano, é como a chave fundamental, [...] ali você consegue se preparar para aquilo que você vai viver.” “No grupo de apoio temos palestra com psicólogos.”*

“Logo no começo passei na psicoterapia, assim que nos habilitamos, por indicação do setor técnico porque eu estava muito ansiosa, precisa trabalhar a espera [...]”

Para a família Céu, o acompanhamento psicológico é muito válido. *“Acho o acompanhamento psicológico essencial, com o psicólogo aprendemos muito sobre o processo de adoção, pra não gerar mais traumas na criança.”*

Categoria 5: Mudanças na dinâmica familiar.

Em decorrência da dinâmica familiar e da relação com a família extensa *“Houveram muitas mudanças. Passamos a ter uma rotina [...] é tudo totalmente diferente e é necessária uma adaptação.” “Todos apoiaram e acolheram, era um assunto conversado entre família, conversávamos sobre adoção e é visto como algo normal.”*

Categoria 6: Estabelecimento de vínculo.

A criação de vínculo na família Céu se fundou de uma maneira fácil. *“A criação de vínculo foi fácil, mas é necessário ter paciência [...] No primeiro mês você não ouve um “eu te amo”, mas hoje você já escuta.”*

Porém, a família considera o diálogo com a criança importante nesse momento. *“É importante explicar pra criança que ela veio do nosso coração, conversar sobre a história familiar e acolhem a história da criança.”*

“Ele perguntava, no começo, se ia ficar pra sempre com a gente ou se ia voltar para os genitores e eu não sabia o que responder. Então procurei ajuda para não responder coisa errada e acabar prejudicando, mas sim acolher ele né?!”

4.1.2 A vivência da Família Sol

“A demora foi um aprendizado, mas a espera atormenta.”

Família Sol é composta pela mãe de 45 anos, pai de 47 anos e filha de 3 anos, a qual é estudante e está na família faz 8 meses. A mãe e o pai possuem ensino superior completo, são casados, brasileiros e residem na cidade de Taubaté – São Paulo. Ambos são funcionários públicos.

CATEGORIAS TEMÁTICAS

Categoria 1: Motivação para adotar, processo de tomada de decisão e sentimentos mais presentes.

A motivação veio do desejo de ser mãe e o fato do casal vir de uma família grande. *“Eu tenho o desejo de ser mãe desde criança, sempre quis ter uma família grande e meu marido também [...] nunca evitei de ter filhos.”*

Em relação a tomada de decisão do casal, o desejo da adoção reapareceu pois não conseguiram ter os filhos biológicos. *“Com o tempo não vieram os filhos biológicos, então veio esse desejo de adotar. Ambos já tínhamos o desejo, mesmo se viessem os filhos biológicos.”*

Nesse caso da família Sol, além do sentimento de angústia, apareceu o fator da idade do casal, que foi algo bastante forte. *“A angústia da demora né, a ansiedade e no nosso caso o fator da idade. Ficávamos preocupados de receber uma criança, estando com a idade mais avançada e não conseguir acompanhar o ritmo.”*

Categoria 2: Dificuldades e desafios no processo de adoção.

Sobre as dificuldades, a família relata que ao tomar a decisão de adotar, não eram tão informados sobre todo o processo e as etapas. Para a família Sol, o processo se dá de uma maneira dolorosa considerando o tempo de espera. *“[...] não sabíamos que demorava tanto na fila da adoção. Nós ficamos na fila de espera 8 anos e 4 meses.”* *“No processo a espera, ansiedade de como será, de como está a criança [...] a angústia de não saber como está seu filho, de se preocupar com a criança. Existem pensamentos que atormentam e doem muito durante a espera.”*

Com os desafios enfrentados, a família revela que por alguns momentos houve um sentimento de desistência por conta da demora. *“Por um momento pensamos em desistir, porque pensávamos que nunca ia chegar a hora [...] eu pensava: meu Deus, se não vier agora, quando virá? Eu vou ser avó e não vou ser mãe?”*

Categoria 3: Preparação e apoio psicológico durante o processo de adoção.

A pedido do fórum, a mãe da família Sol, relata que tudo teve que ser feito o mais rápido possível para chegada da criança, sendo assim, nem tudo saiu como esperado. *“Não foi como o planejado [...] não foi da forma que sonhamos, mas tudo estava sempre a espera daquela criança.”* *“Esperamos saber quem era a criança, conhecê-la para que tudo fosse pensado para ela.”*

Em relação ao apoio e acompanhamento que a família teve no processo de filiação, não tiveram contato de início em um grupo de apoio, mas a mãe passou por acompanhamento psicológico. *“Quando entramos na fila, não participávamos de grupo de apoio [...] eu passei por tratamento psicológico e meu marido não, só que tudo o que acontecia no acompanhando psicológico eu trazia pra ele.”* *“Eu fui encaminhada para o psiquiatra e tomei medicamento, por causa da ansiedade. O tempo de espera não foi trabalhado. Não é como como uma gravidez “normal” que tem um tempo determinado de 39 semanas.”*

Para a família Sol a atuação do psicólogo é muito válida durante o processo de adoção. *“O apoio com a psicóloga foi de extrema necessidade, porque ajuda a gente a desmistificar muitas assombrações que a própria entrevistada criava em sua mente.”*

Categoria 5: Mudanças na dinâmica familiar.

Acerca da adaptação da família em relação a chegada da criança, o casal não notou grandes mudanças nessa transição tanto da parte deles, como da parte do adotando. *“Não sentimos muita diferença, porque para nós ela sempre esteve ali [...] ela se adaptou de uma forma muito plena e suave, tudo na casa esperava por ela.”*

A família se adaptou a criança, mas percebe isso de forma natural devido ela ter pouca idade. *“A gente se adaptou a ela sabe, mas ainda, como eu posso te dizer... não conseguimos desmamar. Não houve grandes mudanças, mas se você me*

perguntar se eu durmo, eu não consigo mais, qualquer coisinha, ela se mexe eu to ali, mas acho que isso é instintivo, faz parte da preocupação de mãe.”

Ao se referir da família extensa, a mãe aponta que a família do marido é mais afastada e desse modo, a criança tem mais contato apenas com a avó paterna. Entretanto, por parte da família materna, a menor foi muito bem acolhida por todos. *“Foi algo muito natural, os meus irmãos me deram todo apoio. À família do marido já não tem muito contato, são mais afastados, mais retraídos.” “[...] alguns questionarem a decisão, mas não houve nenhuma rejeição, foram recepcionados muito bem.”*

Categoria 6: Estabelecimento de vínculo.

No estabelecimento de vínculo destaque a forma satisfatória que isso ocorreu, por meio da forte ligação que foi sentida entre eles, segundo a mãe. Além do interesse da criança ter aparecido como muito importante. “Não é fácil, mas se deu de uma maneira muito natural, suave, não houve traumas. Não teve uma demora como ouvia de relatos de outras crianças.” “Ficamos até surpresos, porque a gente achou que seria mais difícil, mas foi muito tranquilo. No momento que a gente se conhece, já houve uma ligação maior entre os nós três.”

“A criança é a maior interessada [...] o tempo dentro de uma instituição, não tem muitos recursos para poder suprir tudo que uma criança precisa.”

4.1.3 A vivência da Família Lua

“Foi uma mudança muito grande, tivemos que abrir mãos de algumas coisas para poder viver a nossa nova rotina.”

Família Lua é composta por 5 integrantes. O pai de 41 anos e a mãe de 39 anos, casados há 11 anos. O casal viveu três perdas gestacionais e após dar início a adoção, a mãe engravidou neste mesmo período. Diante disso, um dos filhos é biológico de 1 ano e 1 mês e os outros dois adotivos, sendo, uma menina de 8 anos e um menino de 6 anos, os dois estudantes, adotados há 1 ano e 10 meses. São brasileiros e a família reside na cidade de Taubaté – São Paulo. O pai no momento

está desempregado, terminando o ensino superior e a mãe trabalha em uma empresa e possui o ensino superior completo.

CATEGORIAS TEMÁTICAS

Categoria 1: Motivação para adotar, processo de tomada de decisão, sentimentos mais presentes.

Sempre foi um desejo da família adotar, porém por existiam outras prioridades no início. Após vivenciar três perdas gestacionais, como já fazia parte do plano adotar, optaram pela adoção em decorrência dessas vivências. *“Sempre tivemos o pensamento de adoção, o desejo no nosso coração, mas sempre íamos postergando por causa de serviço, outras prioridades, só que daí nesse meio tempo eu tive três gestações e eu perdi as três.” “[...] foi depois dessas perdas que a gente decidiu mesmo entrar com a adoção e parar de postergar.*

Acerca dos sentimentos experienciados pela família Lua, houve um forte sentimento de frustração. Para família existiu uma luta diária, onde cada conquista era satisfatória e assim, tinham aceitação por parte dos adotandos. *“Frustração. Muita frustração, porque era uma coisa que a gente sempre queria né?!” “A gente chorava pela frustração, mas quando conseguia chorava de felicidade. Porque a gente sonha tanto e é completamente diferente [...]” “Então assim, toda vez que a gente conseguia mostrar pra eles como as coisas eram, era como se fosse uma vitória, de que eles estavam começando a nos aceitar. E vinha um sentimento de satisfação sabe?”*

Categoria 2: Dificuldades e desafios no processo de adoção.

A família relata que até agora não foi atendida através do cadastro e o grupo de apoio nesse momento foi essencial, por conta de obter contatos e é uma porta de acesso para o processo de adoção ocorrer mais rápido. Além disso, trouxeram a questão da distância enfrentada durante o processo. *“O que a gente vê é essa questão da distância, a maneira que hoje é feito, porque se não fosse o grupo de adoção, até agora nós não seríamos chamados, íamos estar esperando ainda.” “A demora é muito grande [...] se a gente não tivesse no grupo, nós não teríamos adotado nossos filhos.”*

Categoria 3: Preparação e apoio psicológico durante o processo de adoção.

Em relação a preparação a família trouxe a questão financeira e a queixa por não conseguirem ter uma preparação maior, pois para a família Lua, foi em um momento que não esperavam. “[...] nesse ponto, não ter dito uma preparação um pouco maior, no início foi traumático pra gente, porque você acaba não sabendo nada da criança.” “Então, a gente foi fazendo uma reserva de dinheiro pra poder usar [...] foi num momento bastante turbulento, quando eu menos esperava.”

Sobre um apoio psicológico, apesar de terem um acompanhamento á distancia, a família também se queixou disso. O pai procurou ajuda psicológica, pois a família entende o apoio psicológico como importante durante o processo, ainda mais quando o adotando já teve vivência com outra família. “Não tivemos nada, nada, nada [...] quem fez o acompanhamento de saber tudo que estava acontecendo era a psicóloga da comarca de lá da cidade das crianças [...] ela que foi nosso apoio e meu marido procurou pra ele aqui.” “Eu acho que é muito importante esse apoio psicológico, porque é uma situação nova na vida, por mais que a gente queira, que a gente esteja se preparando é uma mudança muito grande.” “[...] eram duas crianças grandes, com hábitos e no início elas faziam muitas comparações com a vivência que tiveram.”

Categoria 5: Mudanças na dinâmica familiar.

Nessa questão da adaptação, por conta de serem duas crianças, que tiveram vivência com a família biológica, para a família essas mudanças foram difíceis. Existia bastante comparação, por parte dos adotandos, com a dinâmica estabelecida na outra família. “Foi uma mudança muito grande. Quando eles chegaram aqui em casa, eles queriam fazer tudo. No início foi bem complicado [...]”

A rotina do casal teve inúmeras alterações após a chegada dos filhos. “[...] com a chegada das duas crianças a gente teve que mudar toda a nossa rotina. Porque era só nós dois com nossos horários e tudo mais [...]” “Foi uma grande mudança, tivemos que abrir mãos de algumas coisas pra poder viver a nossa nova rotina.”

Em relação a família extensa, todos compreenderam a escolha do casal. Por parte da família materna, já existe um caso de adoção na família, então era algo natural. De início, a mãe relata que houve uma resistência por parte de sua sogra que possui alguns preconceitos sobre adoção, mas que após participar de uma reunião

no grupo de adoção antes das crianças chegarem isso foi mudado. *“Minha família foi mais fácil, porque eu tenho um primo adotivo, minha família já tem essa situação. Com a minha sogra foi mais difícil, não aceitava o conceito de adoção, tinha um preconceito né?!”* *“Aí teve uma reunião no grupo e eu não consegui ir e meu marido levou minha sogra e, ela viu que não era do jeito que ela achava, que era completamente diferente. A partir desse momento ela mudou a maneira dela ir pensando [...]”*

Categoria 6: Estabelecimento de vínculo.

Ao se referir sobre a vinculação foi apontando que o casal fez o possível e o impossível para que as crianças se sentissem parte da família. Já que para a família Lua esse momento é mais delicado para a criança. *“A gente foi tentando mostrar pra eles que eles eram esperados [...] que éramos a nova família.”* *“A gente fez tudo que podia pra ir aproximando eles, fazíamos o possível e o impossível para conseguir isso e agora eles já estão bem adaptados.”* *“[...] elas têm que ir se adaptando a nova família, quer dizer pra criança é uma situação bem mais difícil.”*

4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Serão apresentados nessa seção, por meio de quadros, os principais elementos envolvidos durante todo o processo de adoção e no momento de filiação entre a família e a criança, com base nos casos descritos da presente pesquisa.

Apresentamos no Quadro 2 os elementos da categoria Motivação para adotar e o processo de tomada de decisão para posterior discussão.

Quadro 2 – Elementos centrais da categoria Motivação para adotar, processo de tomada de decisão e os sentimentos mais presentes

CATEGORIA: MOTIVAÇÃO PARA ADOTAR, PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO E OS SENTIMENTOS MAIS PRESENTES	
PARTICIPANTES	ELEMENTOS CENTRAIS
Família Céu	<ul style="list-style-type: none"> • Desejo de adotar. • Sentimento de amor. • Sentimento de ansiedade. • Descrença devido ao tempo de espera. • Sentimento de satisfação.
Família Sol	<ul style="list-style-type: none"> • Sonho de ser mãe. • Dificuldade de engravidar. • Influência por conta de pertencer a uma família grande. • Desejo de adotar. • Se doar ao outro. • Sentimento de angústia. • Espera. • Sentimento de ansiedade. • Receio em relação ao fator da idade, velhice. • Sentimentos de medo e preocupação.
Família Lua	<ul style="list-style-type: none"> • Desejo de adotar. • Sentimento de ambivalência por conta de outras prioridades. • Gestações interrompidas. • Parar de adiar esse momento de afiliação. • Grupo de apoio no início do processo. • Sentimento de comparação do adotando relacionada a outra família. • Sentimento de frustração frente ao esperado. • Sentimento de derrota. • Aceitação. • Ambivalência. • Sentimento de satisfação.

Fonte: Dados da pesquisa

Dentre os elementos centrais presentes nessa categoria, notamos que o **desejo de adotar** aparece nos três relatos, tendo grande influência perante a motivação das famílias no processo da adoção. Importante refletirmos que a motivação dos pais é vista como algo importante a ser considerado. Podem existir diferentes motivações para adoção e não necessariamente, uma é melhor do que a outra, visto que a motivação principal dos pais para adoção aparece como o desejo de ter filhos (COSTA; CAMPOS, 2003). Por outro lado, existe o fato da vontade de adotar uma criança pela adoção em si, de modo a ajudar o próximo e sempre ter desejado adotar, o que segundo uma pesquisa realizada por Weber (1998), é mais frequente no grupo de pais não brasileiros. Na nossa pesquisa identificamos que as três famílias possuem esse desejo da adoção por si só, apesar de outros fatores que influenciaram nesse momento. Em especial, a família Sol traz a ideia de **se doar ao outro**, que foi um sentimento presente para a família quando optaram pela adoção. A família sente que adotar é um ato de solidariedade com a criança, por meio do amor. Embora as mudanças ao longo dos séculos tenham sido observadas do ponto de vista da política de assistência social, a ligação entre a caridade e a proteção da criança continua a ressoar na cultura de adoção hoje. Isso ocorre porque muitas pessoas acreditam que a filiação é uma ação de solidariedade, através da provisão de um ambiente de regeneração e práticas disciplinares, para libertar os órfãos e as crianças. Na verdade, alguns adotantes descrevem o desejo de promover o bem-estar infantil como uma de suas principais intenções, que pode variar de coisas como "a adoção é uma forma de resolver problemas sociais", "queremos cooperar e dar uma casa às crianças." (Weber, 1998, p. 92 apud REPPOLD; HUTZ, 2003)

Nesse momento de decisão os pais, percebemos nos casos estudados, que cada família vivencia suas particularidades, como a experiência das **gestações interrompidas** ou a **dificuldade de gerar um filho biológico**. Destacamos que esse elemento foi apontado pela mãe da família Lua, que após ter perdas gestacionais, decidiu recorrer à adoção. Já a mãe da família Sol relatou que o casal não conseguia engravidar e por conta do fator da idade, decidiram adotar. Esse dado é convergente com que afirma Weber (1998), que relata que a adoção pode ainda ser realizada como uma solução em relação à ausência de filhos biológicos. Entretanto, a mesma autora traz a reflexão que, se somente a infertilidade ou incapacidade biológica de gerar um herdeiro são os motivos para que os pais optem pela adoção, se faz importante, inicialmente romper e cuidar dessas problemáticas, elaborando as perdas

das funções reprodutivas e do laço sanguíneo (WEBER, 1996). Nas entrevistas, não foi relatado pelas famílias como essas questões foram trabalhadas no grupo de adoção. Contudo, podemos ressaltar a importância da orientação psicológica, de forma a conseguir dar uma base para os casais pretendentes à adoção. Tanto o preparo quanto a orientação podem ser primordiais nas formulações dos pedidos dos pretendentes, podendo também, serem capazes de alterar o quadro atual de um desejo generalizado. Essa orientação deve haver durante o procedimento da adoção e inclusive depois deste. O casal, então necessita de um acompanhamento que dê suporte para a formação da família, orientando quanto ao processo (EBRAHIM, 2001).

Em relação à vivência das perdas gestacionais fazerem parte da motivação para a filiação por meio da adoção, uma pesquisa do Instituto de Psicologia Quatro Estações, feita por Casellato (2020), mostra que existem casos em que o filho adotivo pode ocupar o lugar de substituir ou assumir o lugar do filho que foi perdido, sendo até mesmo, por um abordo natural. Assim, segundo Bromberg (1994 apud CASELLATO, 2020) o vínculo estabelecido entre os pais e o adotando pode vir a ser ameaçado, em alguns casos, visto que, se espera da criança o que ela não pode ofertar, pois as vezes, na fantasia dos pais, ela vem para substituir o lugar do filho perdido. É importante mais uma vez, compreender a importância da orientação psicológica, pois a partir dela os pais poderão saber diferenciar as motivações que os levam a tomarem a decisão de adotar e terem consciência do lugar que o filho adotivo irá ocupar na família, para que ambos não sofram a longo prazo.

Outro fator que influencia é o **sonho de ser mãe**, que foi bastante apontado na experiência da mãe da família Sol, pois ela sempre teve esse sonho e por conta do fator da idade, tinha medo de não conseguir realizá-lo. O desejo de ter para si um filho possui diferentes significados para as mulheres, de modo que, a maternidade ultrapassa a gestação, a procriação e a biologia. Para a psicanálise: a mulher pode estar grávida e não ter o filho na sua cabeça, pode-se não ter filhos, porém sentir-se mãe, pode-se desejar a gravidez e não querer ser mãe de fato. As crenças maternas criam uma ilusão de uma satisfação real e constantemente oculta uma zona enigmática para a mãe (MARCOS, 2017).

As famílias entrevistadas na presente pesquisa revelaram sentimentos como **ansiedade, angústia e frustração**. Mendes (2007) afirma que as famílias adotivas trazem consigo um repertório de ansiedades e frustrações durante o processo de

adoção e à espera da chegada do filho adotivo. Isso, porque diferente dos pais que possuem filhos biológicos, o casal pretendente à adoção passa por um extenso processo de avaliação e determinações jurídicas até o momento da filiação e tal processo demanda muito dessa família. Até mesmo após, pois terão que lidar com todas as experiências da criança.

O significativo “amor”, teve bastante evidência no relato das famílias. Uma das motivações da adoção para a família Céu, foi o **sentimento de amor**. A mãe revela que tanto para ela, como para o marido a adoção é um ato de amor, pois esse sentimento não vem necessariamente do sangue, mas do coração. Diante disso, adotar é amar uma criança gerada no coração, é uma manifestação de afeto profundo, reconhecendo nela as marcas da dedicação dos pais e não da genética. A adoção é uma grande capacidade de acolhimento (BAUMKARTEN; BUSNELLO; TATSCH, 2013),

Apresentaremos no Quadro 3 os elementos da categoria Dificuldades e desafios no processo de adoção.

Quadro 3 – Elementos centrais da categoria Dificuldades e desafios no processo de adoção

CATEGORIA: DIFICULDADES E DESAFIOS NO PROCESSO DE ADOÇÃO	
PARTICIPANTES	ELEMENTOS CENTRAIS
Família Céu	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de espera. • Falta de apoio. • Demora desnecessária. • Dificuldades devido o tempo de institucionalização. • Desenvolvimento prejudicial da criança. • Sentimento de descrença.
Família Sol	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de espera. • Desistência por conta da demora do processo. • Sentimento de medo. • Incerteza e dúvidas. • Aprendizado durante o processo. • Ansiedade e preocupações. • Pensamentos que atormentam e machucam.
Família Lua	<ul style="list-style-type: none"> • Questão da distância em relação ao adotando. • Tempo de espera • Grupo de apoio como porta de acesso a filiação. • Demora do sistema. • Sentimento de ambivalência e frustração.

Fonte: Dados da pesquisa

O **tempo de espera** durante o processo de adoção é experienciado como um grande desafio pelas três famílias. Os pais passam por um período de espera e diante disso estão numa fase de transição para a parentalidade. Para a família Céu, devido a esse tempo de espera, houve um **sentimento de descrença** por parte do casal. Se tratando da família Lua, revelou que existiu um **sentimento de ambivalência e frustração** frente ao que foi idealizado. Os pais passam por um período de espera e diante disso estão numa fase de transição para a parentalidade. Nesse período, surgem inúmeros pensamentos e sentimentos. Os pais tendem a imaginar a criança, em decorrência das características que foram escolhidas por meio do cadastro no Fórum (WEBER, 2004). A partir disso, a espera pelo filho adotivo, transforma-se em sofrimento, aumenta as fantasias referentes à adoção e à demora, e gera inúmeros questionamentos, pois sabe-se que essa situação carrega um grande peso para o casal. O momento de idealização do filho e da relação que se dará com ele desencadeia sentimentos de ansiedade e ambivalência para o casal (HUBER; SIQUEIRA, 2010).

Diante disso, surgem **sentimentos de medo, dúvidas e incertezas**. Os sentimentos experienciados pelos pais na presente pesquisa são explicados por Weber (2004). Segundo a autora, nesse período, surgem inúmeros pensamentos e sentimentos, os pais tendem a imaginar a criança, em decorrência das características que foram escolhidas por meio do cadastro no Fórum. A partir disso, a espera pelo filho adotivo transforma-se em sofrimento, aumenta as fantasias referentes à adoção e à demora, e gera inúmeros questionamentos, pois sabe-se que essa situação carrega um grande peso para o casal. O momento de idealização do filho e da relação que se dará com ele desencadeia sentimentos de ansiedade e ambivalência para o casal (HUBER; SIQUEIRA, 2010), o que foi relatado pelas mães das famílias Céu, Sol e Lua, as quais sofreram com o tempo de espera nesse período. Na adoção o fator da espera para esses pais em relação à chegada do filho adotivo é grande e difícil na maioria dos casos. Apesar de terem consciência que existe um sistema e uma lista oficial, sendo chamados assim que houver a disponibilidade para a filiação com alguma criança, muitos candidatos sentem durante o processo que nada está acontecendo. Com isso, mais uma vez, ressalta-se a importância de disponibilizar acompanhamento e apoio durante a espera (REPPOLD et al., 2005 apud HUBER; SIQUEIRA 2010).

Com isso podemos relacionar a demora **desnecessária do sistema**, que foi uma das queixas trazidas pelas famílias e as dificuldades enfrentadas em decorrência do **tempo de institucionalização**, o que é visto como algo prejudicial para o **desenvolvimento da criança** pelas famílias da presente pesquisa. Mendes (2007) afirma que o tempo de institucionalização que a criança vivencia, provavelmente deixa marcas em sua constituição psíquica. De modo que, apesar de querer se fazer os processos da adoção serem agilizados, para que o tempo de institucionalização não seja desnecessário, devemos levar em consideração o período em que a criança viveu no abrigo, pois existe uma história de vínculos, experiências e perdas. Portanto, o tempo de vivência em abrigos e unidades de acolhimento da criança deve ser o menor possível, entretanto, inúmeras crianças passam longos períodos de sua infância sem ter uma convivência familiar (UBA; KOESTER, 2012).

Aparece também, na vivência da família Sol, o **aprendizado durante o processo**. O processo da adoção possibilita aprendizado, mesmo com pensamentos que chegavam machucar o casal nessa espera pela chegada do filho. Na adoção, Cruz (2007) traz o conceito “gestação do coração”, uma gravidez que não é visível, que inclui o acompanhamento psicológico estabelecido como o pré-natal, sendo essencial para que tenha um preparo para os pais na chegada da paternidade e maternidade. São vivenciados pelo casal tantos sentimentos que prejudicam a saúde significativamente, e podem prejudicar a preparação para a chegada do filho. Os pais vivenciam medos, estresse e ansiedade, além da sensação de solidão nessa espera, que precisa de um suporte consistente, profissional e imparcial, podendo oferecer uma orientação nesse período, pois a caminhada até a filiação é difícil e exige aprendizados e amadurecimento durante todo o processo. A família Sol relata que apesar da demora, o casal conseguiu adquirir um aprendizado de compreender e identificar o que sentiam nesse período de espera.

Apresentamos no Quadro 4 os elementos da categoria Preparação e apoio psicológico durante o processo de adoção

Quadro 4 – Elementos centrais da categoria Preparação e apoio psicológico durante o processo de adoção

CATEGORIA: PREPARAÇÃO E APOIO PSICOLÓGICO DURANTE O PROCESSO DE ADOÇÃO	
PARTICIPANTES	ELEMENTOS CENTRAIS
Família Céu	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo de apoio. • Conhecimento e preparação no processo. • Trabalhar a espera. • Mudanças. • Importância de um apoio psicológico e acompanhamento psicológico. • Adquirir aprendizado. • Traumas.
Família Sol	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de agitação. • Frustração frente ao esperado. • Preocupação com o adotando. • Suprir as necessidades da criança. • Acolhimento. • Grupo de apoio. • Cumplicidade entre o casal. • Sentimento de ansiedade. • Importância de um apoio psicológico e acompanhamento psicológico.
Família Lua	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de tempo. • Sentimento de agitação. • Pouco preparo, o que gerou uma situação traumática. • Dúvidas. • Questão financeira. • Adaptação. • Falta de apoio psicológico. • Importância de um apoio psicológico e acompanhamento psicológico • Falha no sistema. • Mudanças. • Comparação em relação a outra vivência. • Não aceitação da nova família por parte do adotando.

Fonte: Dados da pesquisa

Evidencia-se que para as três famílias, o **grupo de apoio** é um grande aliado nesse momento de preparação para as famílias ao longo do processo. Assim, o **acompanhamento psicológico** é de extrema necessidade para auxiliar os pais nesse momento de escolha, como foi afirmado pelas famílias entrevistadas. Ademias

é relatada a importância de um **apoio psicológico**, para que elas venham passar por esse caminho até a chegada da criança de forma mais favorável. Esse dado trazido pelas famílias é convergente com o que afirma Levinzon (2004), de modo que, o grupo de apoio à adoção vem a ser um lugar de preparação, diálogo e alívio da tensão típica desse período de espera, questionando muitas de suas ideias. Os candidatos se permitem pensar em novas ideias para que possam entender os desafios específicos da adoção e os desafios assustadores da parentalidade. Para ajudar a aliviar a idealização da criança e colocá-la em um lugar mais real e específico, assim, sentindo-se mais preparados e seguros para a chegada do adotando, reduzindo as fantasias e expectativas que podem não se aplicar ao apego.

Tanto o grupo de apoio, como o acompanhamento psicológico são indispensáveis para que os pais possam trabalhar essas questões referentes à particularidade do processo de adoção em espaços adequados, onde as diferenças possam ser explicadas detalhadamente para que possam ser incorporadas à singularidade da parentalidade (SCHETTINI; AMAZONAS; DIAS, 2006). O trabalho do psicólogo tem grande importância e torna-se evidente em processos de adoção, entendendo que cada caso possui suas particularidades e demandas e que o profissional deve trabalhar em cima disso. É necessário criar estratégias apropriadas, de modo que possam ser minimizadas as probabilidades de fracasso. Ozoux-Teffaine (2004 apud ALVARENGA; BITTENCOURT, 2013) destaca o quanto o trabalho de acompanhamento é essencial para ajudar os adotantes a atravessar o período intermediário, marcado por angústias persecutórias, em direção à construção da filiação.

A família Céu relata a possibilidade de **trabalhar o tempo de espera e adquirir aprendizado**. Com isso quis dizer que conseguiu diante de todo o processo de adoção compreender a importância do grupo e como o mesmo facilitaria a trajetória do casal nesse momento. Afirma ter sido muito enriquecedor, contribuindo para a prevenção de dificuldades e alívio da ansiedade, tão comuns ao processo de adoção. O relato da família Céu vai ao encontro com o apontado por Schettin, Amazonas e Dias (2006), que afirmam que os grupos de apoio permitem adquirir aprendizado diante de todo o processo até o momento da filiação, construindo uma identificação entre os candidatos à adoção, trocando experiências entre si.

Nota-se que na vivência da família Lua, houve algumas diferenciações, pois os adotandos possuíam idades mais avançadas e maior contato com a família biológica.

Diante disso, a mãe relatou sobre a **comparação em relação a outra vivência** com os genitores. A mãe da família Lua conta que era muito difícil fazer com que as crianças se sentissem da família e aceitasse o casal como os novos pais. Esse fato é muito decorrente nas adoções tardias. Segundo Vargas (1994 apud WEBER, 1998), a adoção tardia pode tanto obter sucesso, como pode ter fracassos, assim como na vida. Isso vai depender da capacidade de suporte, entrega e trocas afetivas entre ambos, criança e pais. Para Vargas, as dinâmicas familiares de adoções tardias carregam consigo algumas características especiais que precisam ser notadas, mas que com preparação e acompanhamento, estas adoções são perfeitamente positivas. Mendes (2007) aponta que a criança, chegará no seio familiar trazendo consigo vínculos afetivos de diferentes naturezas, além de extremas rupturas afetivas. E, assim se dará os vínculos familiares com a nova família adotiva. Já se a adoção for com um bebê, adotado logo no início de sua vida, ele não chegará na família com experiências de vinculações relevantes como uma criança maior. O adotando, ao entrar na família adotiva não deixa de ter os pais biológicos como genitores e esse filho traz consigo toda uma vivência antes do processo de adoção e, essa história não pode ser negada, ou seja, para um desenvolvimento psíquico saudável da criança, suas vivências precisam ser integradas ao seu novo estilo de vida juntamente com sua família atual. Sendo assim, é indispensável que os candidatos a pais estejam conscientes dessas questões durante o processo de adoção e está conscientização, por sua vez, pode vir a ser dificultada por processos de negação vinculados às questões inconscientes dos adotantes (SCHETTIN; AMAZONAS; DIAS, 2006).

Ademais, a família Lua vivenciou particularidades durante o processo de adoção, assim como o **sentimento de comparação** do adotando relacionada a outra família. Por medo de serem rejeitados pelos filhos, muitos pais decidem não falar sobre a histórias de adoção de seus filhos e a vivência da criança com a família biológica. A verdadeira consequência dessa decisão é a introdução de histórias fictícias, o que significa criar mentiras frequentes para preencher as lacunas. O casal, imagina que o adotando podem querer "trocar" os pais adotivos por seus pais biológicos, gerando comparações entre eles, o que também torna difícil para elas estabelecerem restrições e regras (MAUX; DUTRA, 2010). Isso se confirma, pelo o que foi relatado pela família Lua, em relação à dificuldade que tiveram em estabelecer regras e fazer com que os filhos se adaptassem na rotina da atual família. A família

passou por momentos bastantes delicados com os filhos, principalmente com a menina, pois ela desafiava muito a mãe adotiva e não aceitava.

Na visão da família Sol, no processo de preparação para adoção, **suprir as necessidades da criança** é algo primordial. A família relata uma preocupação com o adotando e que todo o período de preparação foi pensado para atender a criança. Segundo Solon (2006) é importante tornar a criança sujeito ativo e de direitos no processo de adoção, buscando conhecer os significados que a própria atribui a esse momento. Dentro do processo de adoção a criança está sujeita a uma cadeia de fatores que abrangem este processo desde a história de abandono até a expectativa dos pais adotantes.

Apresentamos no Quadro 5 os elementos da categoria Mudanças na dinâmica familiar.

Quadro 5 – Elementos centrais da categoria Mudanças na dinâmica familiar

CATEGORIA: MUDANÇAS NA DINÂMICA FAMILIAR	
PARTICIPANTES	ELEMENTOS CENTRAIS
Família Céu	<ul style="list-style-type: none"> • Mudanças relacionada à rotina. • Adaptação necessária. • Apoio e acolhimento. • Adoção vista como normal
Família Sol	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptação necessária. • Excesso de cuidado. • Sentimento de ambivalência. • Mudanças. • Preocupação. • Apoio e acolhimento.
Família Lua	<ul style="list-style-type: none"> • Mudanças relacionada à rotina. • Apoio psicológico. • Invasão de privacidade. • Adaptação necessária. • Adoção vista como normal. • Preconceito.

Fonte: Dados da pesquisa

O processo de mudança em relação à dinâmica familiar foi bastante semelhante para as três famílias, pois existiu uma **mudança na rotina e a adaptação da família e da criança**. Segundo Weber (1998) quando uma pessoa começa a pensar em ter um filho adotivo, ela precisa de algum tipo de atividade que a faça

pensar sobre o planejamento de vida e as mudanças que aconteceram. Uma preparação para os candidatos à adoção envolve a discussão e a tomada de consciência sobre diferentes situações específicas presentes neste processo. Vale ressaltar que está “preparação” deveria acontecer também com quem deseja ter um filho biológico. Um ambiente suficientemente bom pode ser definido para Winnicott (1983 apud ALVARENGA; BITTENCOURT, 2013), a partir da capacidade dos cuidadores de proporcionar segurança frente às mudanças, possíveis crises e testes que a família irá enfrentar, permitindo que estas aconteçam e, mesmo assim, permaneça estável. Diante disso, a adoção de uma criança exige uma capacidade de adaptação.

Ao chegar na família, a dinâmica familiar sofrerá alterações. Na presente pesquisa, os casais das famílias, assim como pontua as autoras Baumgarten, Busnello e Tatsch (2013), se questionam sobre seu desempenho, sobre seus papéis e sobre a educação que estão dando a seus filhos. Essas questões serão potencializadas, a partir do momento em que os pais adotantes não se sentirem integralmente pais e isso pode fragilizar o relacionamento entre eles e o filho. Desse modo, só se é mãe e pai na prática. Diante disso, as famílias entrevistadas, buscaram se adaptar aos poucos a partir das rotinas que as crianças trouxeram com elas do abrigo ou da vivência com a família biológica. Segundo as famílias, a chegada de uma criança gera muitas mudanças na vida de um casal e quando se trata da adoção, isso é ainda mais forte, já que, não existe um tempo determinado para esse casal se tornarem pais.

A família Lua, revela que no início do processo de filiação, quando optaram pela adoção, tiveram a experiência de vivenciar o **preconceito** relacionado à adoção. Um estudo realizado por Berthoud (1997 apud MAUX; DUTRA, 2010) chegou à conclusão de que o preconceito contra a adoção na população em geral está relacionado à falta de conhecimento genético. Segundo a autora, as pessoas acreditam que a adoção pode ser arriscada porque pode existir a possibilidade do adotando ter um “sangue ruim”, ou seja, com mau comportamento e traços de personalidade da família biológica. A adoção sobreviveu por muito tempo em um ambiente marginal, e o filho adotivo é considerado um verdadeiro “estranho” da cultura. Nos últimos anos, essa situação sofreu mudanças favoráveis. Aos poucos, as famílias adotivas ganharam atenção e o sigilo que as degradou foi dominado por mitos e preconceitos arraigados no imaginário popular. Os esforços conjuntos de toda a

sociedade e os muitos exemplos de adoções bem-sucedidas contribuíram para isso (SCHETTINI; AMAZONAS; DIAS, 2006). Em relação ao preconceito, a mãe conta que esse fator apareceu no começo do processo, relacionado à questão de um conceito enraizado sobre a adoção, sobre um medo do desconhecido. Porém, após o contato com o grupo de apoio, o preconceito foi suspenso. Visto que, no grupo de apoio as famílias podem conhecer algumas das crianças adotadas pelas famílias participantes, quebrando esse mito em relações às crianças. Os adotantes podem mudar essa ideia do preconceito que ronda a adoção, afirmando que todas as crianças têm direito de fazer parte integrante de uma família que proporcione uma vida digna a elas (BAUMKARTEN; BUSNELLO; TATSCH, 2013).

Por fim, ficou evidente a importância para as três famílias de um **apoio e acolhimento** nesse momento de adaptação e dinâmica familiar. Assim como no pré-natal de uma gravidez biológica, na gravidez do coração também é necessário que exista um cuidado com o físico e com o emocional. Na adoção, existe a chamada gestação do coração, uma gravidez que não é visível, na qual as famílias vivenciam a parentalidade por meio da adoção. Nesse caso, o acompanhamento psicológico é estabelecido como o pré-natal, sendo essencial para que tenha um preparo para os pais na chegada da paternidade e maternidade. São vivenciados pelo casal tantos sentimentos que prejudicam a saúde significativamente, e podem prejudicar a preparação para a chegada do filho. Os pais vivenciam medos, estresse e ansiedade, além da sensação de solidão nessa espera, que precisa de um suporte consistente, profissional e imparcial, podendo oferecer uma orientação nesse período, pois a caminhada até a filiação é difícil e exigem aprendizados e amadurecimento durante todo o processo (CRUZ, 2017).

Apresentamos no Quadro 6 os elementos da categoria Estabelecimento de vínculo.

Quadro 6 – Elementos centrais da categoria Estabelecimento de vínculo

CATEGORIA: ESTABELECIMENTO DE VÍNCULO	
PARTICIPANTES	ELEMENTOS CENTRAIS
Família Céu	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de ser paciente. • Diálogo. • Filho sonhado e filho real. • Questionamentos. • Acolhimento. • Adoção vista como normal.
Família Sol	<ul style="list-style-type: none"> • Diferente de outros casos. • Naturalidade que gerou surpresa • Ligação entre família e a criança. • Criança como a maior interessada. • Necessidades da criança. • Criança vista como prejudicada no processo de adoção. • Acolhimento.
Família Lua	<ul style="list-style-type: none"> • Ligação entre família e a criança. • Tempo juntos. • Diálogo. • Necessidades da criança. • Adaptação. • Criança vista como prejudicada no processo de adoção. • Acolhimento.

Fonte: Dados da pesquisa

Ao se tratar do estabelecimento de vínculo, para a família Sol e a família Lua, é preciso sempre atender **as necessidades da criança**. Diante disso, pode-se dizer que adoção tem como finalidade responder as necessidades das crianças e dos pais, permitindo que ela encontre uma nova família, um ambiente afetivo satisfatório e ao mesmo tempo formativo. Para que a criança adotiva se adapte e sua saúde mental seja saudável, é necessário que exista uma reciprocidade entre fatores internos e externos, já que, segundo Levinzon (2000 apud TABORDA, 2014), o desenvolvimento satisfatório de uma criança depende de uma conjunção de fatores externos e internos. Conforme o mesmo autor, uma boa relação com os pais adotivos, na qual a criança se sente amada, aceita e compreendida, proporciona-lhe a oportunidade de minimizar suas fantasias de abandono. Para Solon (2006), o principal foco das pesquisas aparece como sendo a criança, porém poucos estudos investigam a adoção a partir

da ótica da própria criança: fala-se sobre a criança, mas não com ela. Então, é importante tornar a criança sujeito ativo e de direitos nesse processo, buscando conhecer os significados que a própria atribui ao processo. Dentro do processo de adoção a criança está sujeita a uma cadeia de fatores que abrangem este processo desde a história de abandono até a expectativa dos pais adotantes. A mãe da família Lua reforça que para a criança o processo da adoção é mais difícil, pelo fato de que elas não possuem um direito de escolha, diferente dos candidatos, que podem escolher o perfil da criança desejada. Sendo assim, é preciso que os pais, ao adotar a criança busque suprir as necessidades delas, para que o processo se torne um pouco mais fácil. Assim como para a família Sol, a criança é a principal interessada e deve ser atendida, recebendo amor, educação e um acolhimento, pois para as famílias é isso que se espera quando se candidatam à adoção.

Além disso, ambas as famílias Sol e Lua se queixaram na presente pesquisa sobre o fato de a **criança estar sendo prejudicada no processo de adoção**, devido ao sistema e o tempo que elas passam na instituição. O acolhimento institucional de crianças e adolescentes surge como uma medida alternativa ao abandono ou à situação de risco dentro do ambiente familiar. Entretanto, ao se tornar muito prolongado para alguns, o acolhimento se faz problemático, pois não preenche várias das necessidades do infante, infringindo seu direito à convivência familiar e gerando danos, por vezes, irreversíveis (UBA; KOESTER, 2012). Para as famílias, esse prejuízo não altera a vinculação entre eles. Para a família Sol, o vínculo se deu de forma natural e não houve traumas, pois ambos sentiram uma ligação muito forte logo de início. Porém, para a família Lua, houve uma certa dificuldade, mas decorrente ao fato de ser uma adoção tardia, sobretudo, o casal buscou várias estratégias para fazer com que os adotandos se sentissem acolhidos.

O **diálogo** foi trazido pela família Céu, pois para a família a conversa é algo importante, assim como, para a família Lua, que **diálogo** foi essencial no momento da vinculação com os filhos, pois os adotandos já tinham vivências com a família biológica e foi de extrema importância conversar com os filhos sobre as regras e vivência da atual família. Segundo Silva (2012) é no espaço familiar, através do convívio, da troca de afetos e dos diálogos que a criança absorve os valores éticos e humanitários e onde os laços de solidariedade se enraízam propiciando a construção dos valores culturais. A falta de afeto pode prejudicar o desenvolvimento emocional do bebê e dos demais membros da família. Para que se forme um vínculo concreto e

para ingressar nesta nova trajetória de vida, a adoção, é preciso que os envolvidos possam elaborar suficientemente sua história pessoal e familiar e dispor de suficientes recursos psíquicos. (MENDES, 2007).

A família Céu levantou a questão de que no momento da adoção, surge a ideia para o casal do **filho sonhado e o filho real**. Na entrevista, a mãe conta que essa ideia se transforma no decorrer da filiação e quando começa a se construir o vínculo entre a criança e a família. Esse processo é explicado por Mendes (2007), que afirma que a idealização sobre a criança desejada existe tanto para pais adotivos, quanto para os pais biológicos. Baseada nessa idealização, após o contato profundo no dia a dia familiar com a criança, surgem novos elementos que podem acabar distorcendo a imagem que foi estabelecida anteriormente, fazendo com que existe um luto a ser elaborado em relação ao filho idealizado. No caso da criança adotiva, sabe-se que isso faz parte da história passada vivenciadas pela a criança. Diante disso, a mãe conta que no grupo de apoio, essa ideia também é desmistificada, pois em contato com outras famílias e com os profissionais que oferecem suporte é possível compreender melhor essa ideia de que o filho real, nem sempre é o filho sonhado, mas que isso é uma expectativa que acontece até mesmo com os casais que esperam o filho biológico. Desse modo, segundo Oliveira, Souto, Júnior (2017), existe uma necessidade de trabalhar junto aos pretendentes à elaboração e subjetivação da criança ideal. De modo que, este processo pode amenizar que a possível chegada do filho “real” e não daquele que se sonhava, coloque novamente o casal frente a uma experiência negativa, além de evitar a devolução da criança que não atendeu às idealizações.

Por fim, em relação à categoria estabelecimento de vínculo, duas das famílias entrevistadas na pesquisa, família Céu e a família Lua, revelam que o **acolhimento** é bastante necessário. Podemos constatar isso, por meio das ideias de Costa e Campos (2003). Os autores afirmam que de acordo com a cultura de laços de sangue não é possível que por meio do ato de adotar exista o sentimento de amor e isso, implica numa possibilidade maior de rejeição, gerando medo nas famílias adotivas. Por conta disso, o apoio, o acolhimento e aceitação da adoção pela família extensa é de se considerar um pilar para as famílias que estão nesse processo de filiação. Ademais os mesmos autores entendem que, afetivamente, as relações familiares não são garantidas pelos laços biológicos. A família Céu percebe a **adoção vista como normal**, justamente pelo fato dos laços sanguíneos, pois a família percebe que isso

não tem relevância quando se existe o principal, que é o amor nas relações. Pode se constatar através das respostas obtidas na entrevista que, tanto para a família Céu como a família Lua, é essencial que exista esse acolhimento em relação à criança, para que ela se sinta acolhida e desejada, mostrando que a família esperava por ela. Assim, se reafirma que o relacionamento familiar não se garante por conta dos laços sanguíneos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa foi compreender as experiências e qual o significado do processo de adoção na perspectiva da família adotante. Por meio da realização de uma pesquisa de estudo de caso, com a análise de 3 famílias participantes do grupo de apoio à adoção, podemos afirmar que o objetivo proposto foi alcançado.

Ao buscar identificar as vivências e os significados que a família no processo de adoção estabelece, bem como analisar os fatores que estão presentes nesse momento, notamos que, apesar das singularidades de cada caso, destacam-se algumas semelhanças entre si, obtidas de acordo com as famílias da presente pesquisa. Diante disso, podemos identificar as dificuldades, a preparação e as expectativas que percorrem esse momento de filiação.

Sobre a motivação para a adoção e a tomada de decisão, inicialmente estão relacionadas com o desejo de adotar, sendo o desejo por si só, este envolvendo o sonho de ter um filho. Considerando a presente pesquisa, essa motivação é fortemente ligada ao ato de amor. Para as famílias, adotar é estar disposto a amar, sendo que esse amor é a motivação para não se desistir da filiação. Contudo, a infertilidade e a dificuldade de engravidar também aparecem como um fator para as famílias tomarem a decisão pela adoção, mas, mesmo que o filho seja gerado no ventre, segundo os entrevistados, ele terá que ser adotado, porque adoção é acolhimento, aceitação.

Quanto aos sentimentos, percebemos que todo o processo é marcado por diversos deles e que os mesmos, podem aparecer juntos em cada etapa desse processo. Notou-se que, dificilmente os sentimentos não estarão entrelaçados entre si. A adoção carrega consigo uma infinidade de sentimentos e significados, podendo ser negativos ou positivos, tanto para a família, como para a criança. Esse momento de filiação é repleto de surpresas e expectativas, que servirão de aprendizados para ambos, de modo a aprender a como lidar com os sentimentos que marcam todo o processo, antes, durante e depois.

A preparação dessa família e apoio psicológico podem auxiliar neste momento da escolha pela adoção. É notável, o quanto é essencial para as famílias essa intervenção e atuação do psicólogo, visto que, por meio dela que a família busca se preparar e estar mais confiante para receber a criança no ambiente familiar. As

famílias da presente pesquisa salientam a importância do apoio psicológico, mas sentem falta da presença do profissional da área durante o processo. Muitas vezes, a família busca pela ajuda do profissional por conta própria e se queixa da pouca presença do mesmo no sistema. O grupo de apoio à adoção aparece como um forte aliado para a preparação dos candidatos, pois permite uma troca de experiência e informações entre as famílias. Aqui, reforçamos que toda pessoa que pretende adotar faça parte de algum grupo de apoio e que os grupos se façam cada vez mais presentes.

Em relação às mudanças na dinâmica familiar, podemos concluir que a família busca suprir as necessidades da criança. Diante disso, o preparo para receber o adotando no seio familiar está relacionado ao que a criança necessita, as experiências que ela teve antes de entrar para a atual família. Por esse motivo, muitas famílias esperam a chegada definitiva da criança para fazer as mudanças de acordo com o adotando. É nítido que toda dinâmica sofrerá alterações com a chegada de um novo integrante, ainda mais quando se trata da adoção. Assim deve-se conscientizar as famílias em relação a essas mudanças. Nesse momento, assim como em todo processo, as famílias devem receber apoio e orientações sobre essa nova dinâmica. Como é incerto o momento definitivo da criança no seio familiar, a maior parte do preparado se dá durante o processo de adaptação dos pais e filhos.

Compreendemos através dessa pesquisa que o estabelecimento de vínculo, assim como as mudanças na dinâmica, está relacionado a atender aquilo que a criança necessita. Sabe-se que o estabelecimento de vínculo é um momento delicado para as famílias, entretanto, os entrevistados relataram que houve uma fluidez e uma naturalidade ao lidarem com esse fator. De acordo com a presente pesquisa, percebemos que o diálogo tem papel fundamental para que os pais criem laços afetivos, através de uma troca sincera e paciente com os adotandos. A partir disso, a criança sentirá que faz parte integrante da família. Nessa etapa, é válido que o casal esteja aberto a acolher a história de vida da criança e se mostre disponível, fortalecendo a criação do vínculo.

As dificuldades e desafios que a família enfrenta no processo de adoção juntamente com a criança são marcados por ansiedade, expectativas e frustrações. O que contribui significativamente para essas dificuldades é o tempo de espera vivenciado tanto pela família, quanto para o adotando. A adoção vem tomando espaço no cotidiano e rompendo paradigmas, porém, ainda existem barreiras no sistema

institucional que dificultam e impõem maiores desafios aos candidatos à adoção. Infelizmente, apesar da prática da adoção ser cada vez mais frequente, todo o processo é lento e desgastante, fadado a gerar injustiças a essas famílias que anseiam pela chegada de um filho e da criança que possui direito a um lar.

Dentro do cenário atual, em que a criança deixa de ter papel secundário no processo, sendo ela um sujeito de direitos, identificamos a necessidade que sejam elaborados mais estudos voltados para essa criança, investigando a adoção a partir da visão dela. Pois, assim como as famílias, a criança possui um lugar importante nesse processo, como foi colocado fortemente pelos casais entrevistados. No decorrer de toda a pesquisa, fica evidente que a adoção tem ganhado maior visibilidade na nossa realidade. Diante disso, trazemos como sugestão a continuidade de estudos voltados para essa temática, visando o interesse para o assunto e a conscientização da população, já que percebemos o quanto esse assunto tem sido debatido pelas pessoas e que vem se tornando desejo de muitos. Com relação ao profissional de psicologia que atua nessa área, se fazem necessários mais estudos, pois a bibliografia específica encontrada pode ser considerada restrita.

Esgotar todas as possibilidades de debate sobre esse tema e trazer respostas a tudo não é o que se pretendeu com essa pesquisa. Sabemos que os achados se referem ao grupo amostral estudado, e não foi nosso objetivo fazer generalizações. Entretanto, esperamos que o conhecimento construído possa ser útil e relevante para outras famílias que vivenciam ou vivenciarão o processo de adoção, assim como para os profissionais que os acompanham. Assim, além de contribuir para a produtividade científica, procuraremos divulgar os resultados obtidos com o intuito de gerar conhecimento aos profissionais da psicologia e áreas afins e à comunidade em geral.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Lidia Levy de; BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. **A delicada construção de um vínculo de filiação**: o papel do psicólogo em processos de adoção. Pensando fam., Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 41-53, jul. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100005>. Acesso em: 19 out. 2019.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal no 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

CASELATTO, G. O luto pela infertilidade x Motivação para a adoção. **Quadro Estações – Instituto de Psicologia**. São Paulo – SP. 2020.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiane Mercadante Esper. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**: Visitando a fase última. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p.129-160.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiane Mercadante Esper. **Família e ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. 2. ed. São Paulo: 2010

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Novo sistema de adoção e acolhimento é realidade no país**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/novo-sistema-de-adocao-e-acolhimento-e-realidade-em-todo-o-pais/> Acesso em: 21. ago. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Passo a passo da adoção**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/adocao/passo-a-passo-da-adocao/> Acesso em: 21. Ago. 2020.

COSTA, Liana Fortunato; CAMPOS, Niva Maria Vasques. **A avaliação psicossocial no contexto da adoção: vivências das famílias adotantes**. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 19, n. 3, p. 221-230, Dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722003000300004&lng=en&nrm=iso Acesso em: 21 ago. 2020.

CRUZ, Luciane Silva Moreira. **Gravidez invisível: um novo olhar sobre a adoção**/ Luciane Silva Moreira Cruz. – 1. ed. – São Paulo: Ed. do Autor, 2017.

CUNHA, J.A. **Psicodiagnóstico-V**. 5 ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Artmerd, 2000.

DIAS, M. B. (Org.). **Direito das famílias**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009. p. 7.

EBRAHIM, Surama Gusmão. Adoção tardia: uma visão comparativa. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 29-40, Ago. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2001000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 set. 2020.

FILIPPELLI, Janaína Sérvio. **ADOÇÃO INTUITU PERSONAE: A RELATIVIZAÇÃO DO CADASTRO DE ADOÇÃO SOB A ÓTICA DO MELHOR INTERESSE DA**

CRIANÇA. 2016. 73 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/3182/1/Monografia%20completa%20modificada%200.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Rev. adm. empres., São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Apr. 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000200008. Acesso em: 19 out. 2019.

HUBER, Manoela Ziegler; SIQUEIRA, Aline Cardoso. Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 200-216, fev. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000200014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 22 set. 2020.

ISHIDA, Válder Kenji. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Doutrina e Jurisprudência**. 19. ed. Salvador: Juspodivm, 2018.

LEVINZON, G. K. **Adoção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MARCOS, Cristina Moreira. **O desejo de ter um filho e a mulher hoje**. Trivium, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 246-256, dez. 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912017000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05 out. 2020.

MENDES, C. L. P. C. **Vínculos e Rupturas na Adoção: Do abrigo para a família adotiva**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2007.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista educação**. v. 22. n. 37. Porto Alegre, 1999.

OLIVEIRA, A. L. Comportamento Organizacional e Pesquisa Qualitativa: Algumas Reflexões Metodológicas. In: CHAMON, E. M. Q. O. **Gestão e Comportamento Humano nas Organizações**. Rio de Janeiro: Brasport, p. 180-205, 2007.

OLIVEIRA, Patrícia Aurília Breckenfeld Alexandre de; SOUTO, Jailma Belarmino; SILVA JUNIOR, Edivan Gonçalves da. Adoção e Psicanálise: a Escuta do Desejo de Filiação. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 4, p. 909-922, Dec. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000400909&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 set. 2020.

OST, S. Adoção no contexto social brasileiro. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XII, n. 61, fev 2009.

PAIVA, L. D. **Adoção: significado e possibilidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

RAMPAGE, C; EOVALDI, M; MA, C; FOY, C. W; SAMUELS, G. M; BLOOM, L. Famílias Adotivas. In: Walsh, Forma; tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa. **Processos Normativos da Família, Diversidade e Complexidade**, cap.10, ed. – 4. Porto Alegre: Artmed, 2016.

REPPOLD, Caroline Tozzi; HUTZ, Claudio Simon. Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adotivas. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 8, n. 1, p. 25-36, Abr. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100004>.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres, José Carlos Vieira Wanderley, Lindoya Martins Correia, Maria de Holanda de Melo Peres. (et al.). - 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo Atlas, 2012.

ROSSI, Ana Carla de; HAMMARSTRON, Fátima Fagundes Barasuol; ZANATTA, Jocias Maier. A família e a adoção: mudanças nas relações. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, 2017. Acesso em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/04/familia-adocao-relacoes.html>

SANTOS, Bruna Francinetti Menezes Castro dos e CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Repetição de nome próprio: vínculos familiares e culturais**. *Vínculo [online]*. 2013, vol.10, n.1, pp. 29-37. ISSN 1806-2490.

SCHETTINI, S. S. M; AMAZONAS, M. C. L. de A; DIAS, C. M. de S. B. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 285-293, Ago. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2020.

SCHETTINI, L.F. *Compreendendo os pais adotivos*. Recife: Bagaço. 1998

SENA, Thandra Pessoa de. **NOVA LEI DA ADOÇÃO: À Luz dos Direitos Fundamentais**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2018.

SENADO FEDERAL. Jornal do Senado. **Cadastro Nacional de Adoção, CNA**. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/adocao/realidade-brasileira-sobre-adocao/cadastro-nacional-de-adocao-cna.aspx>. Acesso em: 15 out 2019.

SENADO FEDERAL. Jornal do Senado. **Dia da Adoção: Brasil tem 34 mil crianças e adolescentes vivendo em abrigos**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/05/22/dia-da-adocao-brasil-tem-34-mil-criancas-e-adolescentes-vivendo-em-abrigos>. Acesso em 18 ago. 2020.

SILVA, L. C; TOKUDA, A. M. P. **A função do psicólogo dentro do processo adotivo**. *Rev. Conexão Eletrônica – Três Lagoas, MS*, v. 15, n. 1, p. 1642-1653, 2018.

SILVA, Daniele Baartsch Machado da. **O Psicólogo como Mediador Durante o**

Processo de Habilitação para Adoção. Psicologado , [S.l.]. (2015). Disponível em <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-juridica/o-psicologo-como-mediador-durante-o-processo-de-habilitacao-para-adoacao>. Acesso em 1 Jun 2020.

SILVA, Raquel Antunes de Oliveira. **A adoção de crianças no Brasil:** os entraves jurídicos e institucionais. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL*, 4., 2012, São Paulo. Associação Brasileira de Educadores Sociais, Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092012000200021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 out. 2019.

SOLON, Lilian de Almeida Guimarães. **A Perspectiva da criança sobre seu processo de adoção.** 2006. 202 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

TABORDA, C. R. **ADOÇÃO: A família no processo adotivo.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação do curso de formação de Psicólogo) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2014.

UBA, V. C; KOESTER, F. C. A ADOÇÃO TARDIA E A CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA: UMA ANÁLISE JURÍDICO-SOCIAL. XXI Congresso Nacional do CONPEDI. Tema: O Novo Constitucionalismo Latino-Americano: desafios da sustentabilidade. UFF/Niterói – RJ, 2012.

WAGNER, A; TRONCO, C; ARMANI, A, B. **Introdução: Os Desafios da Família Contemporânea – Revisitando conceitos.** In: *Desafios Psicossociais da Família Contemporânea – Pesquisas e Reflexões*. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 19-35.

WEBER, Lúcia. **Aspectos psicológicos da adoção.** 2. ed. Curitiba: Juruá, 2004.

WEBER, Lúcia. **Famílias Adotivas e Mitos sobre Laço de Sangue.** 1996.

WEBER, Lúcia. O FILHO UNIVERSAL UM ESTUDO COMPARATIVO DE ADOÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS. **Revista Direito de Família e Ciências Humanas**, Teresópolis, v. 2, n. 1, p.119-152. 1998.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UNITAU - UNIVERSIDADE DE
TAUBATÉ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A EXPERIÊNCIA E O SIGNIFICADO DO PROCESSO DE ADOÇÃO SOB A ÓTICA DA FAMÍLIA ADOTIVA

Pesquisador: Adriana Leonidas de Oliveira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 30889620.8.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Outros

Detalhe: Notificação sobre coleta de dados

Justificativa: Venho por meio desta notificar que em função do cenário atual da pandemia de

Data do Envio: 16/07/2020

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.235.893

Apresentação da Notificação:

Os pesquisadores notificam este CEP que a coleta de dados do projeto A EXPERIÊNCIA E O SIGNIFICADO DO PROCESSO DE ADOÇÃO SOB A ÓTICA DA FAMÍLIA ADOTIVA será realizada on-line a fim de atender as medidas de distanciamento social em decorrência da pandemia do COVID19.

Objetivo da Notificação:

Informar por meio desta notificação a mudança da coleta de dados que seria presencial para o modo virtual em função do isolamento social.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não se aplica

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

Seguindo o recomendado pela CONEP, os pesquisadores apresentam a notificação de forma

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cep@unitau.br



Continuação do Parecer: 4.235.893

adequada e coerente com a situação de saúde do País neste prezado momento, de tal modo que possibilite o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Não se aplica

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovada

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética da Universidade de Taubaté, Ad Referendum da reunião do dia 11/09/2020, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou a Notificação do Projeto de APROVADA.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	Notificacao.pdf	16/07/2020 16:00:17	Adriana Leonidas de Oliveira	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 25 de Agosto de 2020

Assinado por:
Wendry Maria Paixão Pereira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
 Bairro: Centro CEP: 12.020-040
 UF: SP Município: TAUBATE
 Telefone: (12)3635-1233 Fax: (12)3635-1233 E-mail: cep@unitau.br

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Esta pesquisa está sendo realizada pela aluna Tatiane da Silva Monteiro, do Curso de Psicologia da Universidade de Taubaté, como trabalho de graduação, sendo orientada e supervisionada pela Professora Dra. Adriana Leonidas de Oliveira.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que a participação desta instituição será absolutamente sigilosa, não constando seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-la no manuscrito final da monografia ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa. Informamos ainda que pela natureza da pesquisa, a participação desta instituição não acarretará quaisquer danos à mesma. A seguir, damos as informações gerais sobre esta pesquisa, reafirmando que qualquer outra informação poderá ser fornecida a qualquer momento, pela aluna pesquisadora ou pela professora responsável.

TEMA DA PESQUISA: A experiência e o significado do processo de adoção sob a ótica da família adotiva

OBJETIVO: Compreender a experiência e o significado do processo de adoção na perspectiva da família.

PROCEDIMENTO:

- **Tipo de Pesquisa** – pesquisa de abordagem qualitativa de estudo de caso.
- **Área de realização** – Instituição Grupo de Apoio à Adoção Gerados no Coração Taubaté.
- **Participantes** – 4 famílias, que já tiveram experiência e passaram pelo processo de adoção há no mínimo 1 ano, tendo em vista, que já passaram por um período de adaptação. Não serão usados como critérios nível socioeconômico da família, números de pessoas participantes dessa família e a idade da criança adotada.
- **Instrumentos** – para a coleta de dados serão utilizados os seguintes instrumentos:

1. Entrevista semiestruturada: a ser realizada com um representante da família para compreensão dos seguintes aspectos: quais as dificuldades que a família enfrenta no processo de adoção; de que forma a família percebe a criança nesse processo; como se dá o estabelecimento de vínculo entre família e adotando; como a família se prepara e prepara o ambiente familiar; investigar se houve apoio psicológico durante o processo de adoção.

- **Plano para coleta de dados** – submissão do projeto para Comitê de Ética em Pesquisa da Unitaú. Após a aprovação será realizada a aplicação dos instrumentos, sendo, uma entrevista semiestruturada de ordem qualitativa e a aplicação da técnica projetiva do desenho-estória com tema, nos pais das crianças mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

SUA PARTICIPAÇÃO: Autorizar a aplicação da pesquisa nesta instituição.

Após a conclusão da pesquisa, prevista para dezembro de 2020, uma monografia, contendo todos os dados e conclusões, estará à disposição na Biblioteca da Universidade de Taubaté, assim como no acervo *online* da Universidade de Taubaté.

Agradecemos sua autorização, enfatizando que a mesma em muito contribuirá para a construção de um conhecimento atual nesta área.

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento Institucional, Eu

_____,
portador do RG nº _____, responsável pela
instituição _____, autorizo a
aplicação desta pesquisa na mesma.

Taubaté, ____ de _____ de 2020.

Assinatura

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: A EXPERIÊNCIA E O SIGNIFICADO DO PROCESSO DE ADOÇÃO SOB A ÓTICA DA FAMÍLIA ADOTIVA

1. Natureza da pesquisa: Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como objetivo compreender as experiências e qual o significado do processo de adoção na perspectiva da família adotante.

2. Participantes da pesquisa: Famílias, que já tiveram experiência e passaram pelo processo de adoção há no mínimo 1 ano, independente de nível sócio econômico, de quantos integrantes tem na família e a idade do adotando.

3. Envolvimento na pesquisa: Ao se integrar neste estudo você deve participar de um procedimento para a coleta de dados que será conduzido por Tatiane da Silva Monteiro, aluna de Graduação do curso de Psicologia. O procedimento consiste no seguinte: será realizada uma entrevista online via Zoom. Você terá tempo livre para responder ao solicitado e eventuais dúvidas serão esclarecidas no momento do encontro. A entrevista será gravada mediante seu consentimento, para posterior transcrição e análise dos dados. É previsto um único contato de maneira remota com cada participante, que deve durar aproximadamente 1 hora. Caso o participante se sinta cansado e assim desejar, a coleta de dados poderá ser dividida em dois encontros. Você tem a liberdade de recusar a sua participação, sem qualquer prejuízo para você. Solicitamos sua colaboração garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa entrando em contato com a Pesquisadora responsável Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira através do telefone (12)981326333 (inclusive ligações a cobrar) ou com a aluna Tatiane, através do telefone (12) 991429560 (inclusive ligações a cobrar).

4. Riscos: A pesquisa apresenta risco mínimo. O possível risco que a pesquisa poderá causar é que o (a) Sr. (a) se sinta desconfortável emocionalmente, inseguro ou não deseje fornecer alguma informação pessoal solicitada pela pesquisadora. Com vistas em prevenir possíveis riscos gerados pela presente pesquisa ficam-lhe garantidos os direitos de anonimato, de abandonar a pesquisa a qualquer momento, de deixar de responder qualquer pergunta que julgue por bem assim proceder, bem como solicitar para que os dados fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética na

Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução n. 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Os procedimentos utilizados não oferecem riscos à sua dignidade.

5. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os dados serão identificados com um código, e não com o nome. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

6. Benefícios: Acredita-se que participar da presente pesquisa poderá possibilitar à família uma conscientização e a reflexão sobre todo o processo de adoção. Espera-se que o conhecimento obtido por meio dessa pesquisa possa contribuir para profissionais que atuam na área e para famílias pretendentes à adoção.

7. Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

8. Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você pode a qualquer momento, retirar seu consentimento, excluindo a sua participação.

9. Após a conclusão estará à disposição na Biblioteca do Campus do Bom Conselho da Universidade de Taubaté, uma monografia contendo os resultados.

10. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail cep@unitau.br

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Portanto, preencha os itens que seguem: Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“A EXPERIÊNCIA E O SIGNIFICADO DO PROCESSO DE ADOÇÃO SOB A ÓTICA DA FAMÍLIA ADOTIVA”** de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura

Taubaté, ____ de _____ de 2020.

Profª Drª Adriana Leônidas de Oliveira

CRP. 06/41548-8 – Pesquisadora Responsável

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Idade MÃE:
Idade PAI:
Estado Civil: Nacionalidade:
Profissão: Escolaridade:
Nome do adotando: Idade: Escolaridade:
Quanto tempo de adoção?

1. Por quem a família é composta atualmente?
2. O que você acha que possa ter contribuído para que se houvesse o desejo da adoção? Foi uma decisão tomada por ambos?
3. Quais dificuldades vocês enfrentaram no processo de adoção?
4. Houve uma preparação para receber a criança no ambiente familiar? Como vocês se preparam?
5. Durante o processo de adoção teve algum acompanhamento ou um apoio psicológico?
6. Para vocês, qual a importância de se ter um apoio psicológico durante o processo?
7. Durante o processo quais foram os sentimentos que mais perceberam sentir em relação a esse momento da adoção?
8. Quais foram as mudanças notáveis na dinâmica familiar após a chegada do adotando?
9. Como foi visto pelos demais familiares ou amigos a decisão de adotar?
10. Como se deu o estabelecimento de vínculo entre vocês e a criança? Na visão de vocês, qual a importância disso?
11. De que forma vocês percebem o adotando dentro do processo de adoção?
12. Defina adoção em uma palavra.